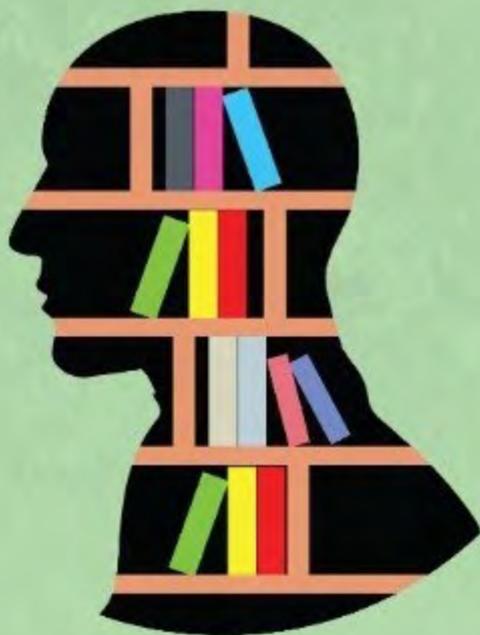


ADEMIR LUIZ (ORGANIZADOR)



O ESCRITOR COMO PERSONAGEM

O ESCRITOR COMO PERSONAGEM



ADEMIR LUIZ

ORGANIZADOR

O ESCRITOR
COMO
PERSONAGEM

CONTATO COMUNICAÇÃO

2021

Copyright © 2021 by Escritor ComoPersonagem
Capa: Contato Comunicação
Editora: Contato Comunicação
Editores: Ademir Luiz, Euler Belém, Iúri Rincon Godinho

CIP — Brasil — Catalogação na Fonte

Dartony Diocen T. Santos CRB-I (1º Região) 3294

G585 Luiz, Ademir (org.).
Escritor ComoPersonagem. / Ademir Luiz (org.).
– Goiânia: Contato Comunicação, 2021.

72p

1. Literatura brasileira. 2. Poema. 3. Título.

CDU: 821.134.3(81)-I

DIREITOS RESERVADOS — É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito da autora. A violação dos Direitos Autorais (Lei n.º 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 48 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil – 2021

Índice para catálogo sistemático:
CDU: 821.134.3(81)-I

ESCRITOR COMO PERSONAGEM

APRESENTAÇÃO

A vida de alguns escritores, como Ernest Hemingway, Jack London e Joseph Conrad, foram cenários de aventuras. Outros existiram entre livros, como Jorge Luis Borges e Marcel Proust. Alguns tiveram vidas trágicas, como Sylvia Plath, Edgar Allan Poe e F. Scott Fitzgerald. Alguns tiveram existências muito parecidas com as de seus personagens, como Jane Austen, Jack Kerouac e o velho safado, Bukowski. Machado de Assis saiu do morro para chegar à imortalidade. Guimarães Rosa aprendeu a falar diversas línguas para conseguir criar a sua própria. Clarice Lispector, mulher de dois países, pareceu existir em uma dimensão acima da nossa.

Muitas vidas fascinantes que renderam inúmeros relatos biográficos lidos e relidos. Mas aprendemos com Aristóteles que a poesia, a literatura, é superior à história, a narrativa que se pretende ancorada na realidade objetiva, porque enquanto uma conta o que foi a outra imagina o que poderia ter sido. É exatamente esse o objetivo dessa seleção de contos: narrar episódios ficcionais na vida de escritores que realmente existiram, inspirados em suas trajetórias verdadeiras. Em outras palavras, transformar escritores em personagens, transformar criadores de literatura na própria literatura.

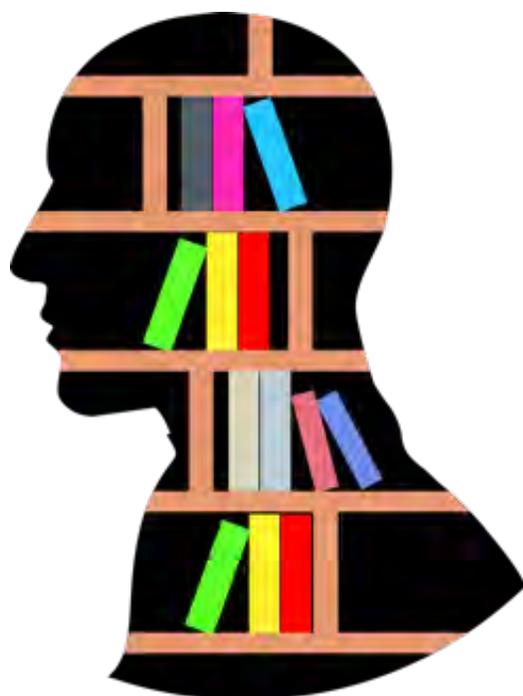
Assim como aconteceu com os "Poemas da Pandemia", este livro é fruto de uma parceria entre o jornalista Euler de França Belém, que primeiro publicou os contos no *Jornal Opção*, o escritor Iuri Rincon Godinho, diretor da Contato Comunicação, e a União Brasileira de Escritores Seção Goiás (UBE – GO), que reuniu entre

6 - O ESCRITOR COMO PERSONAGEM

seus associados e parceiros os trabalhos selecionados.

Para fechar, desavergonhadamente reescrevendo a Pessoa do poeta que viveu muitas vidas em uma só: viver é preciso, escrever sobre a vida é ainda mais preciso.

ADEMIR LUIZ – PRESIDENTE DA UBE-GO





AUTORES

Adelice da Silveira Barros – Escritora, membro da Academia Goiana de Letras.

Ademir Luiz – Doutor em História, professor da Universidade Estadual de Goiás e presidente da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

C. J. Oliveira – Escritor, vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Cristiano Deveras – Escritor, vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Edival Lourenço – Escritor, ex-secretário de cultura do Estado de Goiás, ex-presidente da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goiana de Letras.

Elaine Maria Machado – Escritora associada da União dos escritores em Goiás e membro da Academia Anapolina de Letras.

Elízer Bilemjian Ribeiro – Escritor, arquiteto, vencedor do prêmio Vertentes, Professor da Universidade Estadual de Goiás e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Geraldo Rocha – Escritor associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Hélverton Baiano – Escritor, jornalista, vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Iraides Barbosa – Escritora, advogada e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Itaney Campos – Escritor, desembargador e membro da Academia Goiana de Letras.

José Eduardo Umbelino Filho – Escritor, jornalista, doutor em Sociologia, vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

José Fábio da Silva – Escritor, doutor em História e membro da Academia Anapolina de Letras.

Lêda Selma – Escritora membro e ex-presidente da Academia Goiana de Letras

Leonardo Teixeira – Escritor, prestidigitador e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Luiz de Aquino – Escritor, jornalista, ex-presidente da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goiana de Letras.

Miguel Jorge – Escritor, ex-presidente da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goiana de Letras.

Rafael Fleury – Presidente do Gabinete Literário Goyano, escritor, advogado e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Rosy Cardoso – Artista plástica, escritora, associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goianiense de Letras.

Simone Athayde – Escritora associada da União dos escritores em Goiás e membro da Academia Anapolina de Letras.

Solemar Oliveira – Escritor associado da União dos escritores em Goiás, vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos, membro do Conselho de Cultura do Estado de Goiás e da Academia Anapolina de Letras.

Sônia Elizabeth – Escritora, advogada, vencedora do prêmio Hugo de Carvalho Ramos, associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goianiense de Letras.

Talissa Teixeira Coelho – Escritora e historiadora.

Valéria Victorino Valle – Presidente da Academia Anapolina de Letras e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás



GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ

ENCONTRO MARCADO

ADELICE DA SILVEIRA BARROS

Meu peso era insuficiente para provocar qualquer dano ao corroído casco da velha canoa abandonada nas águas turvas daquela reentrância do Rio Araguaia. Procurando me equilibrar, coloquei sobre o banco empoeirado a pedra de médio porte que eu pretendia amarrar na minha cintura, ainda mais fina depois de três dias sem enviar ao meu estômago qualquer tipo de alimento. Trêmulo pelo esforço de transportar a pedra para a canoa, sentei-me ao seu lado. De minhas orelhas, ponta do nariz, queixo e pescoço caíam filetes grossos de um suor morno e pegajoso. Ignorando o enxame de mosquitos que ameaçavam devorar meu corpo magricela, permaneci indiferente. O ardor das picadas dos mosquitos ajudava a atenuar a dor que me corroía a alma. Dando um longo suspiro, olhei em volta. Aquele era o momento que os turistas amontoavam-se nas varandas de seus hotéis, na beira do rio ou dentro de suas embarcações para admirar o mundialmente decantado pôr do sol, no Rio Araguaia. Sabendo disso, escolhi o lugar menos frequentado da região, o recôncavo onde tinham abandonado a velha e decrépita canoa, amarrando-a ao também velho tronco de uma árvore. E assim, pela primeira vez, bateram de frente a minha solidão e a do rio. Ainda hoje, passados tantos anos, posso sentir, na pele quente, o abraço frio daquela que nunca mais haveria de me abandonar. A solidão.

Barra do Garças. Na minha memória ficou sua graça de menina espontânea, acorçada nas margens de um rio caudaloso, porém calmo e acolhedor, onde nós, garotos e garotas, íamos tomar banho sob os olhos cuidadosos de nossos pais ou babás. Bastava um descuidozinho e

lá íamos nos rodear os pescadores, loucos pela oportunidade de lançar a vara e fisgar um peixe ainda que pequeno, ainda que uma única vez. Cresci ali, sob o sol escaldante da descontraída Barra do Garças, cidade menina, acororada na beira do belo e caudaloso Araguaia, comendo peixe fisgado na hora, colhendo pequi na árvore, brincando com os moleques na rua empoeirada, com o sol ou a lua quase tocando nossas cabeças. Cresci sob a ameaça de um dia ter que abrir mão de tudo que me encantava para ir estudar na cidade grande.

Ainda hoje, passados tantos anos, a imagem me chega nítida como uma barata na xícara de leite. Como a que estamos atravessando agora, aquela era uma primavera particularmente quente e seca. Na semana seguinte, eu completaria 14 anos. E, no início do ano vindouro, seria transferido para a capital de Goiás, onde passaria a estudar no Liceu de Goiânia. Só de pensar na mudança, eu sentia um tremor nas pernas. Já sabia, pela experiência de meus amigos mais velhos que, a saída da casa de meus pais, significaria um rompimento irremediável com minha infância e início da adolescência. Pensando, talvez, em criar mais um laço que me mantivesse atado à cidade onde tinham enterrado meu cordão umbilical, tentei me aproximar de Bela, como a garota era chamada pelos colegas e amigos. Em casa, ela era Isabel Cristina. Bela que, pelo lado materno, tinha nas veias uma pitadinha de sangue indígena, era uma adolescente morena de cabelos pretos e lisos a lhe escorrerem pelas costas como uma cascata de carvão triturado; rosto redondo e um olhar tão profundo e inquiridor que rompia minha pele tostada e ia alojar direto no meu jovem e despreparado coração. Bela, quase um ano mais nova do que eu, só deixaria a Barra, como todos se referiam ao lugar, no ano seguinte. Um dia, durante o recreio, com a voz meio rouca, propus a ela um encontro na beira do rio, após as aulas. Ela me olhou meio espantada e fez com a cabeça, um gesto afirmativo.

As duas últimas aulas daquele dia, que ficou para sempre retido na minha memória como o pior dia da minha vida, foram um verdadeiro calvário. Na mesma proporção que me é fácil criar personagens, imaginar situações, é difícil guardar na memória regras gramaticais. E,

por castigo, a última aula daquele dia era exatamente de língua portuguesa. Percebendo minha alienação, o professor resolveu pegar no meu pé, fazendo perguntas difíceis. Não preciso nem dizer que me transformei em chacota da classe. Fui o primeiro a deixar a sala de aula. No pátio, meus olhos ansiosos buscavam a figura de Bela. Como não a visse em lugar nenhum, fui caminhado devagar na direção do rio. Caminhei tropeçando antes na poeira das ruas e depois na areia meio suja da praia. Já bem próximos das águas, vi um casal, os dois sentados no tronco de uma árvore; conversavam e riam muito à vontade, a Bela que eu cobiçava e o famigerado filho do prefeito, um loirinho metido a besta.

Depois de horas, suportando o solavanco do ônibus que percorria uma estrada estreita e esburacada, chegamos, meu pai e eu, à capital de Goiás. Dentre outras coisas, descobri que Goiânia, cidade que então me pareceu gigantesca, tinha um clima abrasado como o de Barra do Garças, com a diferença de ser seco, tão seco que dentro de uma semana eu tinha a pele do corpo tão ressecada quanto o tronco de uma árvore tombada. A cidade era arborizada, cheia de praças e jardins floridos, mas faltava-lhe o encanto de um rio caudaloso, como meu querido Araguaia. Meus primeiros meses, no Liceu de Goiânia, foram de solidão absoluta. Depois do desdém da Bela e do que eu quase fizera a mim mesmo, passei a me ver como o ser mais abjeto desse mundo. No colégio, não conseguia me aproximar dos meninos e, das meninas, procurava me esconder, sentindo uma espécie de medo, certo de que todas elas tivessem desprezo por mim. Na pensão de estudantes, um quase orfanato, eu era tido como orgulhoso, filhinho de papai que não dava moral a ninguém. Fosse nas noites mornas, sob o teto baixo do meu quartinho dos fundos, ou na mesa de refeições onde os moleques contavam piadas, trocavam ofensas, tapas e pontapés, eu permanecia solitário; a timidez coibindo minhas tentativas de abordagem. Maio chegou, prometendo um clima mais ameno. Mas, antes que o calor sufocante mudasse de região, nosso professor de português teve um ataque cardíaco. Entrou para substituí-lo uma lourinha jovem e desinibida. Já, na primeira aula, ela disse que iria nos apresentar

um escritor que era a paixão de sua vida. Prometeu uma balinha para quem adivinhasse quem era o autor: Julio Cortázar, Monteiro Lobato, Jorge Luis Borges, Umberto Eco... Como ninguém se atrevesse a citar nomes, a Lourinha espevitada, lascou, toda eufórica: Gabriel Garcia Marquez, o grande Gabo, sala! Quem mais poderia ser?

Sentado sobre o banco da canoa abandonada, eu tinha ao meu lado a silenciosa interrogação da pedra quanto às minhas intenções naquele momento. Às minhas costas, o silêncio da mata. Pela frente, o vazio das águas. Devagar, o escuro da noite começava a turvar minha vista. Desistindo da ideia da pedra amarrada sobre minha cintura, resolvi que nadaria até o centro do rio e a partir dali deixaria que a correnteza se encarregasse do resto. Despi-me da camisa que, depois de dar algumas voltas ao redor de si mesma, acompanhou as águas no seu caminhar meio sonolento. Coloquei uma perna, depois a outra para fora da canoa, sentindo pela primeira vez o macio da espuma encardida que cobria a água estagnada. Então, de um salto o frio da água cortou-me em duas partes. Determinado, lancei a primeira braçada, batendo os pés com energia. Entretanto, não saí do lugar. Nova tentativa e novo fracasso. Ficando de pé, olhei em volta. De repente, nada se movia. Parada minha intenção de nadar. Parada a brisa que antecede o anoitecer. Paradas as águas do rio que nunca param. Tive um arrepio de morte quando vi a figura gigante voando na minha direção. Tão inesperado quanto um arranha céu no meio do deserto, a presença daquela coisa me desnor-teou. Sua forma indefinida, movendo-se no ar, hora lembrava uma garça gigante, outra um felino voador, disposto ao ataquei, hora um anjo agressivo, com suas asas abertas. As palavras vinham em forma de ordem e não me atingia os ouvidos, mas sim o coração: "Volta para casa, garoto, que esse não é seu destino". Desnor-teado, meio tonto pela surpresa, ainda tive a audácia de perguntar: quem você pensa que é para me dar ordens, gritei enquanto ensaiava nova braçada. Foi quando o corpo sem peso se abateu sobre mim, tolhendo minha intensão de movimento. Fui acordar, molhado e sem camisa, na casa de meus pais, deitado na minha cama, cercado pelo silêncio da noite. Percebi um certo movimento na

casa, mas ninguém entrou no meu quarto. Nunca soube como tudo aquilo aconteceu.

Agora, passados tantos anos, ainda sinto o abraço pegajoso da espuma encardida ao redor de meus tornozelos, o frio das águas sobre meu corpo quase infantil e o horror do abraço leve porém definitivo daquela coisa indefinida. O Rio Araguaia nunca mais foi o mesmo. Antes, local de diversão, passou a ser as águas traiçoeiras que poderiam ter me levado para a eternidade.

A professorinha loira e desinibida repetiu com a voz quase alterada: Gabriel Garcia Márquez, aquele que nos revelou o segredo da solidão. A palavra solidão apagou da sala todos os sons e ruídos. A mosca que zumbia ao meu redor, pousou sobre minha pele ressecada, em posição de respeito. E eu passei a nutrir pelo escritor um interesse descabido. Naquela manhã, deixando de lado meu desajuste com as palavras, após três meses de abstinência absoluta, fui capaz de abordar uma pessoa: a afoita professorinha de Língua Portuguesa. Na aula seguinte, minhas mãos trêmulas de ansiedade recebiam da professora um volume de Cem Anos de Solidão. Foi meu primeiro encontro com o autor colombiano. Eu estava na metade da leitura do livro, quando um novo morador da pensão de estudantes, perguntou meu nome. Sem pestanejar eu respondi: Gabo. Desde então, naquele local, eu passei a ser conhecido como "Gabo".

No ano seguinte, Isabel Cristina, a Bela no sentido exato da palavra, pelo menos para mim, foi, como eu, estudar em Goiânia. Apesar de ter ido morar na casa de uma tia, seu pai, médico como o meu, e amigos, me encarregou de cuidar da sua filha. Entretanto, fora do colégio, só nos víamos esporadicamente. Apesar de minha timidez doentia, eu já tinha meu grupo de amigos, quase todos, membros do Grêmio Estudantil e todos eles interessados em literatura, como eu. Como as melhores redações da nossa classe fossem sempre as minhas, não demorou nada para me tornar membro do Grêmio Estudantil, onde passei a assinar meus textos como Gabo. Já a Tina, como passei a chamar Bela, talvez, na tentativa de anular a dor e a vergonha daquele dia na beira do Araguaia, não dava a mínima para a literatura e tinha

sua própria turma, voltada para os clubes de piscina e dança, onde sua tia era sócia. Mas entre nós dois reinava uma espécie de complô, um quase compromisso. Nos dias em que eu era convidado para a casa de seus tios, ou em encontros casuais na rua, jamais falávamos de nossos namorados. Nas férias, na Barra, éramos pares constantes nas festinhas de estudantes ou nos churrascos de finais de semana nas nossas casas, mas não éramos namorados.

Quando peguei meu diploma de conclusão do Ensino Médio, tive uma espécie de vertigem. Meus pais, desde o início do ano, vinham me cobrando a decisão sobre o vestibular que eu iria prestar. Na noite da diplomação, enquanto comemorávamos o fato em uma churrascaria, meu pai perguntou num tom de voz que exigia decisão: "E aí, garoto, medicina ou engenharia"? Minha vontade era dizer a eles: a carreira de escritor não exige diploma. No entanto, respondi, sem pestanejar: "Direito." "Não era o que eu pensava, mas também serve", respondeu meu pai.

Aprovado no vestibular, tive como recompensa a mudança para uma pensão menos caquética, na Rua Dez, próxima à Praça Cívica, onde eu tomava, todos os dias, o ônibus carregado de estudantes, rumo ao Setor Universitário. Mas, ao contrário dos outros alunos que, aos bandos, caminhavam na direção de suas faculdades, eu ia direto para a biblioteca pública, no centro da praça e lá ficava esquecido das horas e de mim mesmo. Ali, me tornei íntimo não só de escritores como Faulkner, Eça de Queirós, Gilberto Mendonça Teles e outros, como também dos funcionários da biblioteca. Percebendo que me esquecia completamente das refeições, eles me ofereciam parte de seus lanches e, enquanto eu comia, ficavam por ali conversando comigo. Eu só deixava a biblioteca quando o último dos funcionários vinha me avisar que era hora de fechar o estabelecimento. Voltava a pé para a pensão, indo direto para meu quarto, redigir, à mão, meus textos. Participava de todos os concursos que tomava conhecimento, com resultado quase sempre positivo.

Os encontros casuais com a Tina, continuavam. Nessas ocasiões, eu falava, empolgado, sobre literatura. Um dia, sentados no jardim

público da Praça Cívica, sem mais nem menos, ela interrompeu abruptamente minha fala, lascando um beijo nos meus lábios tagarelas, explicando depois: "Esse é o beijo que eu deveria ter te dado naquele dia, na beira do Araguaia". Ah, falei sem entender nada. "Acontece que o miserável filho do prefeito, me ameaçou dizendo que se eu fosse me encontrar com você, na beira do rio, ele contava pro meu pai". Entendi, foi tudo que consegui dizer. Saímos do jardim, de mãos dadas, ambos derretidos de felicidade. Daí para o casamento foi um pulo.

Eu já tinha alguns livros editados, acumulava alguns prêmios, quanto vi no jornal a notícia de que Gabriel Garcia Márquez proferiria uma palestra na Academia Goiana de Letras. De chinelo e bermuda como estava, sai correndo para fazer minha inscrição para o evento. No dia determinado, pus minha melhor roupa e corri para o local. Fui o primeiro a chegar, antes até dos jornalistas. Meio escondido atrás de um poste de luz, fiquei acompanhando a movimentação. Entre escritores, professores, alunos e guardas, já havia uma quase multidão quando o carro que transportava o mito parou na porta da Academia. Meu coração disparou. O bigode de sempre, sobranceiras espessas, olhos meio caídos, amparados por duas bolsas, o olhar melancólico que eu conhecia tão bem. Apenas menos alto do que eu esperava. Com um sorriso de lábios fechados, solitário no meio da multidão, ele foi cumprimentado os presentes, enquanto se encaminhava para o interior da Academia.

Fiquei parado na rua vazia, sem iniciativa, eu mesmo um poste. Nunca me senti tão solitário.

Nada no mundo iria frear minha intenção: saltando da canoa fui caminhando até a água atingir meu pescoço. Depois, de um salto, sem que ninguém procurasse me deter, nadei apressado em direção à correnteza das águas frias. Essa foi a morte do "Gabo".



JORGE LUIZ BORGES

BORGES, O OUTRO E O ECO

ADEMIR LUIZ

O velho Borges caminhava pela biblioteca quando, ao ouvir o rugido do que pareceu ser um tigre, parou em uma vereda onde o caminho das estantes bifurcava. “Quem traria um tigre para uma biblioteca?”, pensou, apertando o cabo de sua bengala. Não tardou em ouvir as batidinhas secas de uma segunda bengala, denunciando a aproximação de alguém. Outro cego?! Seria Virgílio? Não, Virgílio não é; cego era Homero.

Mas não poderia ser nenhum dos dois, o visitante assobiava sem ritmo uma antiga melodia portenha. Sessou o assobio desastrado e disse com a segurança de quem se sabe íntimo: — Sou eu...

Imediatamente, reconheceu a voz idosa. Era O Outro. Ainda assim perguntou: — E quem é o senhor?

— Curioso me chamar de senhor. Na primeira vez que nos encontramos eu era um jovem estudante vivendo em Genebra.

— Eu me lembro bem. — admitiu o velho Borges, sem demonstrar sinal de espanto — Na época eu estava dando aulas em Cambridge. O senhor achou que foi um sonho.

— Na verdade, você escreveu isso em um conto que almejava ser literatura fantástico, como forma de explicar nosso encontro impossível sem perder a razão.

— Se eu escrevi, você escreveu.

— É verdade. Escrevi há tempos, talvez dez anos. Ocorre-me que cometi um erro na narrativa. Não chega a comprometer o resultado, mas é constrangedor. Afirmar que não há data em notas de dólar. Há sim.

– Não há.

– Sim, há. Como você previu, escrevi muitos livros, por conta deles viajei bastante. Conforme alertou-me, perdi a visão lentamente e sem tragédia, mas conheci muita coisa também. Confirmei que o dólar sai datado da Casa da Moeda. Hoje tenho mais idade do que você tinha quando me encontrou.

– Isso não pode ser. Tinha mais de setenta anos na ocasião. Se o tempo continuou correndo para o senhor, significaria que sou centenário; ou que estou morto.

– Ou que é um sonho.

– Agora é o senhor que usa a estratégia do sonho para explicar o milagre.

– Não me refiro a um sonho meu, mas o sonho de um outro homem.

– O senhor é o Outro.

O tigre, que tinha sido quase esquecido, rugiu como que anunciando a chegada de um terceiro homem, vindo em passos lentos e pesados do outro corredor de estantes de livros, sem a ajuda de uma bengala.

– Senhores, creio ser eu o sonhador. – intrometeu-se o recém-chegado em um castelhano arranhado por inconfundível sotaque italiano.

– Imaginei. – disse o Outro.

– Nós conhecemos? – perguntou o velho Borges?

– Eu conheço bem os senhores por meios dos livros que escreveram e os livros que foram escritos sobre vocês. – respondeu o italiano.

– É um leitor, então! – concluiu o velho Borges.

– Um leitor que, por vezes, também escreve. Assim como os senhores.

– Está escrevendo algo no momento? – indagou um dos dois Borges.

– Meu primeiro livro de ficção, um romance policial, onde o senhor figura como personagem. Digo, não exatamente o senhor, mas um eco seu. Se passa em uma biblioteca. Biblioteca, mais cego, só pode dar Borges.

20 - O ESCRITOR COMO PERSONAGEM

O Outro deu um passo para trás.

O velho Borges sorriu satisfeito.

– Sou o investigador que resolve os casos mesmo sem enxergar as pistas? Um Isidro Parodi limitado pela prisão da cegueira?

– Não. Não. O senhor é o vilão.

– O vilão?!

– Sim, mas, de certa forma, vence no final. Não é um vilão derrotado ou patético.

– E o que eu ganho com minha vitória?

– A destruição de um livro que considera perigoso.

– A destruição de um livro? Como isso acontece?

– Queimado...

Silêncio. Borges não sorri mais.

– Não me parece uma boa ideia. – diz finalmente.

– Vai ter um contexto. Ocorrerá durante um incêndio em uma abadia medieval. Só restará ruínas...

– Então, em seu romance, sou um homem do medievo?

– Um monge.

– Vou morrer queimado?

– Desta vez, sim.

Silêncio. Só se escutava os passos amortecidos do tigre.

– Que seja! - concordou por fim o velho Borges, batendo a ponta da bengala no chão – vou considerar como uma homenagem póstuma. Só o Outro está vivo, parece. Talvez existir como um sonho possa ser um consolo, um alívio, que tira de mim toda responsabilidade por meus erros. São erros seus agora. Não é menos vilão do que eu.

Foi então que o Outro, que estava calado observando sua conversa com o italiano, interferiu: – Por acaso teria uma nota de dólar? Nós dois gostaríamos de tirar uma dúvida...

O italiano colocou a mão no bolso do paletó e disse alguma coisa que foi encoberta por um alto rugido do tigre. Um rugido que ecoou pelos corredores de estantes, desaparecendo aos poucos, como se fosse absorvido pelas páginas dos livros.

**EDGAR ALLAN POE**

O INSUSPEITO

C. J. OLIVEIRA.

É meia-noite do dia 7 de agosto de 1849 em *Richmond*. Dois meses, portanto, do fatídico acontecer. Na *Main Street*, quase em frente à lanchonete mais famosa da cidade, um homem se destaca da sombra, sai de uma taverna, atravessa para o outro lado da calçada, trôpego. Visivelmente embriagado, ainda discute com a mulher do cabaré em frente, antes de se aventurar pelo beco oposto, onde quase todo dia se recosta na mureta da escada que divide os casebres, apreciando a noite. Como um romântico põe-se a curtir o cenário de estrelas que se desponha nesse céu arroxeadado da Virgínia, e que tanto encanta bêbados e poetas. Esse homem é ninguém menos que o poeta e escritor *Edgar Allan Poe*, que ultimamente tem vagado as noites à procura de um destino e de si mesmo. Segundo ele próprio, tem motivos pessoais pra isso. As causas que o levam a uma vida marginal é o perfeito roteiro para um longa-metragem.

Na rua paralela, do outro lado da quadra, uma mulher ainda jovem é brutalmente assassinada. O assassino antes de matá-la a amordaça primeiro com um pano verde, uma longa tira de tecido que mais parece um turbante. Impedindo-a de qualquer grito ou reação, fica fácil sufocar a vítima em pleno véu da noite. O sangue rutilante que escorre pelo asfalto não demora ser coagulado pelo ar denso e fino que beija o chão do beco. Uma facada fatal atravessa o coração da moça, que estremece mais uma vez antes de deixar este mundo e agonizar, soltando o último suspiro. O malvado quase geme de prazer no deleite perverso que é sentir aquele sangue quente escorrer-lhe pelo dorso da mão direita, enquanto pressiona a faca com a precisão cirúrgica dos matadores furtivos.

A cidade grande se reveste de criminosos. Há dias há suspeitas na

capital de um *serial killer*, andando à solta como se fosse o fantasma de Londres. O que o diferencia dos demais é o hábito de após cometer o crime escrever versos macabros e deixar pregado no sangue no corpo da vítima. Nesse último assassinato podia-se ler em letras tremidas garrafais: "Decepo-a como a mesma maciez de quem descasca uma laranja..." — uma perfeita cena de terror.

Oculto pela penumbra das casas noturnas, o matador segue manso pela rua principal, deserta àquela hora da noite, recitando a si mesmo de forma quase inaudível os macabros versos. Atrás dele, em sentido oposto, na frente da boate há um ajuntamento de pessoas, mas ninguém percebe nada. O burburinho que fazem falando todos ao mesmo tempo cessa devagar, e ele escapa sozinho sumindo na escuridão.

No outro dia, assim que amanhece, a polícia identifica a vítima, já tesa e gélida debruçada numa pequena poça de sangue. Paralelo ao corpo ali estendido, jogados ao chão pela mão do vento, os terríveis versos do estranho matador são a única pista da polícia local.

Na rua paralela à do crime, no outro beco, *Poe* ainda ronca sob o restinho do orvalho da madrugada, arrotando o gosto do uísque barato que lhe escorre pela boca. Ultimamente o álcool e a indisciplina o têm consumido. A embriaguez tem sido o seu grande drama, o desassossego o açoita. Investigando os arredores, a polícia o encontra caído no chão, com uma faca suja e enferrujada, com rajas secas de sangue. Para eles, a possível faca do crime. Sem provas maiores, um sargento o prende como bode expiatório, dando assim uma resposta à sociedade e aos jornalistas. Leva-o ao delegado da central de homicídios.

— Esse sujeito foi pego embriagado no outro beco próximo ao corpo da vítima!

— Ah, não... Outro crime bárbaro! Já é o terceiro só neste mês...

— Infelizmente, sim. É uma mulher de uns trinta anos mais ou menos — responde o sargento: — E detalhe, doutor: do lado do sujeito aqui encontramos esta faca suja e enferrujada, com rajas de sangue.

— É a faca que eu uso para descascar frutas.

— Descascar frutas ou matar mulheres? — Questiona o sargento.

– Mas eu não matei ninguém!

– A faca tem rajadas de sangue, não sei se você percebeu!... É uma pista clara!

– Isso não é nada! É que de vez em quando corto o dedo com ela.

– Corta o dedo com ela...? Conta essa pra outro!...

O chefe de polícia interrompe os dois com a pachorra típica dos delegados. Pergunta:

– Qual o seu nome?

– *Edgar Allan Poe* – responde ele.

Depois de soltar uma longa baforada no cachimbo velho de madeira preso à boca, o delegado custa reconhecê-lo em sua forma decrepita ressacado pela bebida:

– *Poe*, o escritor da *Southern Literary Messenger*?

– Sim, o que lhe parece?

Antes de qualquer indagação, o emissário de polícia, aterrorizado, espia *Poe* de alto a baixo, admirando como um homem que já foi editor da maior revista literária da cidade se encontra num estado precário como aquele, roto e de chinelos.

Então, com a diligência dos grandes xerifes, pergunta indo direto ao ponto:

– O que o senhor fazia caído num beco ao lado do corpo da vítima?

– Mas que vítima? Do que estão falando? Eu não sei de nada! – falou, recobrando os sentidos.

– A vítima morta no beco da *Street Flowers*!

– Mas eu não estava na *Street Flowers*, doutor! Estava no beco em frente à boate *Pink Phanter*!

– Sim, é verdade! O Senhor estava no outro beco... E fazendo o quê, numa hora daquela, posso saber?

Edgar pôs-se a explicar, lembrando a noite anterior:

– Fui na boate encontrar uma dama. Cheguei lá e a encontrei com outro. É uma mulher com quem costumo ficar. Fiquei fulo da vida ao vê-la com outro parceiro. Então fui na taverna ao lado e bebi

24 - O ESCRITOR COMO PERSONAGEM

um pouco demais, acho!... Depois saí, e sentei na calçada do beco ali em frente, para apreciar a noite, e quando dei por mim, adormeci! Foi só isso!...

- E a moça morta no outro beco paralelo ao seu?
- Não sei de moça nenhuma! O que o senhor quer que eu diga?
- Foi encontrado junto dela uns versos sinistros. Não eram seus?

O senhor não é poeta?

- Não, não eram meus... Não mato nem uma barata!
- Mas o senhor não faz poemas de terror?
- Sim, às vezes. Mas o que uma coisa tem a ver com a outra?
- Calma, seu *Poe*. O senhor parece nervoso.
- Não é isso, mas as suas perguntas não tem o menor cabimento.
- Estamos aqui para fazer perguntas, saiba o senhor! E quem

não deve não teme.

O delegado de novo:

- E esta faca ensanguentada?
- Cortei o dedo, é só isso! Confere aqui – e mostrava o dedo da mão direita levemente cortado pelo possível instrumento. Já disse que ando com uma faca apenas para descascar frutas. E me defender de marginais.

– Descascar frutas...? Defender de marginais?... O senhor acha que eu sou algum idiota, sr. *Poe*?

- Absolutamente. Não foi isso que eu quis dizer!
- Então o senhor admite que com ela pode até matar, dependendo da ocasião.

- Já disse: não sou capaz de matar nem uma barata!
- Não é o que parece, sr. *Poe*. Esta história está muito estranha.

De novo, *Poe* na defensiva:

– Isso é um absurdo! Eu não tenho nada a ver com esse crime!
– disse gritando.

– Se não parar de se exaltar será preso agora por desacato a autoridade!

- Mas eu não matei ninguém, doutor! Não matei ninguém!
Nisso, o sargento na retaguarda lhe dá um safanão no pescoço:

— Aqui não é lugar de gritar! Onde pensa que está? Isto aqui é uma delegacia e não um prostíbulo que o senhor frequenta!

— Que arbitrariedade! Que arbitrariedade! — Falou *Poe*, levando a mão ao pescoço, sentindo a dor da pancada se espalhar pela cervical.

Ao que o delegado, se sentindo ofendido já ordenava:

— Deixa de molho até amanhã!

Sujo e amarrotado, parece um mendigo. Segurando-o pela gola da camisa, o sargento o dirige até a cela mais próxima. Não sem antes ouvi-lo, aos protestos:

— Isso é um absurdo! Eu não fiz nada!... Eu não fiz nada!... Eu quero um advogado!... Sargento! Sargento!... — Os seus gritos ecoam pelo corredor das celas e se perdem a esmo.

Um preso do lado, na outra cela, ao reconhecê-lo fica perplexo por dividir a carceragem com um escritor de certa fama.

Durante o dia, as investigações continuam. O prefeito de *Richmond* cobra do delegado urgentes providências. Três crimes bárbaros em um mesmo mês com requintes de crueldade é o fim da picada: não há governo que sustente isso. Os jornais não se calam, propalam o terror. A capital da Virgínia nunca fora tão achincalhada ao longo dos anos. Aos poucos, se torna a cidade mais violenta dos Estados Unidos. Pior até do que *Nova York*.

No dia seguinte, novas averiguações levam os peritos ao local do crime.

— O que tem na mão, sargento?

— As fotos da mulher morta no beco, em diversas posições.

Olhando as fotos de todos os ângulos, o delegado não chega a conclusão alguma, o que de certa forma já é uma conclusão.

A cidade é muito grande para se colocar um guarda em cada esquina — é a única coisa que pode concluir com precisão no momento. Todo criminoso deixa um rastro por onde passa, uma pista qualquer, um deslize, e esse não foi diferente. Os peritos descobrem paulatinamente: há pegadas de sangue do criminoso deixando o beco rumo à avenida principal. Pelo tamanho da pegada, o assassino parece calçar quarenta e quatro. Conferindo depois as pegadas com o pé de *Poe*, o

único detento que tem nas mãos, o delegado conclui que ele de fato não é o assassino. É apenas um vagabundo a perambular pela cidade. Está, portanto, diante de um insuspeito. Não justifica mais mantê-lo preso além de um dia.

Ao chegar à delegacia na presença dos peritos manda chamá-lo e lhe dá voz de soltura:

— Está livre, sr. *Poe*. Mas vê lá por onde anda, hem! E da próxima vez, respeite mais as autoridades constituídas!

— Sim, senhor, me lembrarei disso! Com licença!

E sai para a rua, gozando o infinito prazer que é respirar a liberdade da vida. O que não bastou para que se colocasse um freio definitivo em seu comportamento.

À noite volta à boate *Pink Phanter*, volta a beber. Como um inveterado cai no vício e na boemia dos notívagos sem solução. Longe se vão agora os dias em que fora editor da *Revista Southern Literary Messenger*, da qual fora demitido por sua extravagância. Nessa época, ganhava dinheiro e vivia dos seus escritos. A fama de escritor suplantava o homem atordoado que não raro vagava as ruas, sempre a procura de algo que nunca encontrava. O que não o impedia de passar dificuldades, gastando inclusive vultosas quantias no jogo. A esposa, morta por tuberculose, contribuía também para justificar sua vida desregrada, em constante procura por um novo caminho. Emprego nenhum era capaz de contê-lo. Os parentes afastaram-se, os amigos fugiram. Aos que não têm paz só resta mesmo procurá-la em alguma parte (busca inútil), pois em geral não achámo-la fora de nós.

Sem ter para onde ir, e sendo muito mal visto na cidade, esteve em Nova York à procura de trabalho, algo que lhe desse algum conforto e sossego de espírito; outros lugares também o receberam pelas mesmas razões, até que sem um paradeiro certo acabou parando em *Baltimore, Maryland*, estado vizinho, logo após ter tido novos problemas com a polícia. O mesmo delegado quase o prende novamente por se envolver em brigas nas boates e nos cassinos. Abandonando a Virgínia, nunca mais retornaria ao porto onde nasceu. Tinha a ideia constante de fundar e viver do próprio jornal, o que nunca ocorreu por motivos

óbvios. E antes que realizasse os seus intentos um corvo parece ter pousado de vez nos seus umbrais, revolvendo a inquietação dos dias que o sufocava. A amargura tomava conta dele, completamente, e a sociedade americana lamentava o seu fim como quem luta por um filho perdido.

No dia 7 de outubro de 1849, se viu vagando quatro dias pelas ruas mais estranhas da cidade como um legítimo andarilho, magro, doente, pobre e só, e a pesada noite, misteriosamente, fechando hediondos caminhos desceu sobre ele o manto azul da morte, e aí, nunca, nunca mais.



WOODY ALLEN

A ERA DA MENTIRA

CRISTIANO DEVERAS

Apesar de vivermos em um mundo onde a informação encontra-se cada vez mais acessível e disponibilizada das mais diversas formas, muitos dos seres humanos que habitam este planetinha perdido na esquina involuntária do Cosmos ainda não sabem bem o que fazer com ela. Explico: em pleno Século XXI ainda é possível encontrar indivíduos que não acreditam que a Terra é redonda, o homem foi à lua ou que as vacinas funcionam... Embora uma parte dessa desinformação geral possa ser atribuída a diferentes pontos de vista, em muitos casos há pessoas que acabam sendo levadas a acreditar em notícias falsas, deliberadamente criadas para se fazer um verdadeiro serviço de contrainformação – pelos mais diversos motivos – nas famigeradas redes sociais. Este Coliseu moderno. E, comumente, os usuários que disseminam essas pérolas acabam por utilizarem-se de perfis *fakes*, uma representação falsa criada para ludibriar os incautos.

Ponderava exatamente sobre isso enquanto rumava para o boteco, onde tomaria uma ou duas doses de sabedoria, quando topei com uma turba reunida na porta do Bar do Escritor, atrapalhando a entrada: faixas, carros de som e tudo o mais que se pode pensar em um protesto desses.

Havia uma equipe de tevê com uma repórter gostosa, digo famosa, anotando tudo em um bloquinho. Aproveitei para inteirar-me do que ocorria.

Eu, fingindo de bobo – Que tá rolando?

Ela, meio distante – É uma manifestação da CUF.

Eu, fingindo interesse – E o que as centrais sindicais têm a ver com o Bar?

Ela, ainda olhando para o lado – Em tese, tudo. Bares são lugares

perfeitos para discussões políticas, sindicais, trabalhadoras e afins. Mas esses caras aí não são de nenhum sindicato fodão não. São da Central Única dos Fakes.

Eu, querendo ser blasé – Ah, tá...

Ela, tentando disfarçar a miopia sem óculos

– Peraí, tô te reconhecendo – Fiquei feliz pacas, afinal, ser reconhecido pela famosa, digo, glamorosa da tevê não é para qualquer um. Vai que rola alguma coisa – Você é o Pablo Treuffar, o cara que reorganizou o Bar do Escritor!

Eu, avexado, querendo mandar a real – Olha, na verdade, sou o...

Ela, excitada – Faço qualquer coisa por uma exclusiva contigo!

O sinal ficou verde na hora. Putz, Vanessa Fadinha, a jornalista mais peituda (no sentido corajoso da palavra) e gata da telinha sujeitando-se a "qualquer coisa" comigo mesmo pensando que eu era outra pessoa?

Eu, na pilha – Sim, claro, por que não?

Ela, só esplendor – Maravilha, então, por onde começamos, Treuffar?

No meio segundo que perdi para responder, os alto falantes explodiram:

Fake 1 – Todo poder emana dos fakes!

Fake 2 – Os fakes, unidos, serão sempre os mais lidos!

Foi a senha para que centenas que fakes soltarem suas pérolas simultaneamente: de remédio que curava tudo à derrocada da civilização judaico-cristã-ocidental, pareciam ter todas as respostas. Tentei organizar tudo, mas lembrei que organização não é um dos meus fortes.

Eu, foda – Aê, cambada! Vamo baixando a bolinha! Deixa ver o que tá rolando nessa bagaça primeiro!

Reuniu-se então um grupo para representar os fakes (que na verdade foram criados para representarem os outros, mas vá lá...).

Fake 1 – Mas peraí, tu não é o...

Eu, fodão – A parada não é sobre fakes? Então, no momento "estou" Treuffar. – E aponte a gata.

Fakes reunidos, sacando a dica – Ah, tá...

Eu, mais fodão ainda – Então, o que tá pegando?

Fakes reunidos — Bom, é que apesar de todo o bafafá que fazemos nas redes, nos grupos de *uaitizap* e nas conversas de botequim, todo mundo só se lembra das fake news e se esquecem de nós, os fakes, que acabam fazendo tudo acontecer.

Eu, fodíssimo, voz de Clint Eastwood — Sei e daí?

Fakeaiada — Daí que queremos mais reconhecimento, entende?

Eu, pica das galáxias — A parada é a seguinte: para ter reconhecimento, tem que ser, bem... Reconhecível; a bem da verdade, atrás de todo fake tem que ter alguém, daí que são corresponsáveis um pelo outro, sacaram? Verdade que a arte da, digamos, *fakearia* é muito antiga, vindo de muito antes do mundo virtual; entrelaça-se com a ordem dos pseudônimos, estes seres espetaculares que tanto já ajudaram escritores nas mais diversas eras da escrita. Tomás Antônio Gonzaga, para citar um exemplo, transvestiu-se de "Critilo" para poder elaborar suas Cartas Chilenas; Samuel Langhorne Clemens conseguiu levar uma vida sossegada, enquanto "Mark Twain" aprontava; "George Orwell" criticou meio mundo, representando o pacato Eric Arthur Blair; Pô, Fernando Pessoa foi ainda além e chegou a criar não só um, mas três heterônimos famosos: "Ricardo Reis", "Álvaro de Campos" e "Alberto Caieiro", fora uma cambada de outros menos conhecidos. Enfim, meus amigos, o problema não é se passar por outro personagem, mas o que este personagem faz, o que ele tem a dizer, para que existir.

A massa pipocava igual carnaval na Bahia. Tivesse eleições agora dava até para descolar uma boquinha de vereador, quem sabe até deputado... Nisso lembrei que a gata ainda estava ali, de bobeira. Ia mandar a letra quando um baixinho com maneiras esquisitas intrometeu-se, atrapalhando mais uma investida:

Baixinho com maneiras esquisitas — Aê, cês vão ter que desocupar o logradouro — O engraçado é que podia jurar que ele estava sendo dublado.

Eu, invocado — E quem é você, cara-pálida?

Baixinho com maneiras ainda mais esquisitas — Alvarenga Peixoto, agente de fiscalização de fakes, pseudônimos, heterônimos, praças, ruas e logradouros.

Vanessa Fadinha, curiosa – O que tem a ver os fakes e afins com praças e ruas?

Alvarenga Peixoto, voz de Hardy HarHar, suspirando – Ó, vida, ó azar: corte de verbas, misturaram os departamentos e deu nisso, de virar babá de fake maluco.

Eu, empombando – Ô, meia-sola, não vai rolar de liberar a via não, parceiro: gastei o maior latim para fazer essa galera acalmar. Deixa abrir o boteco e eles tomarem uns goles primeiro, caramba.

Alvarenga Peixoto, suspiro – Então serei obrigado a usar a força.

Eu, defenestrador de impérios – Você e qual exército, gnomo?

Alvarenga Peixoto – Dois batalhões do Choque respondem sua pergunta? E apontou os camburões.

Eu, conjugando o verbo amarelar – Queisso, cara. A gente é da paz, mano.

Alvarenga Peixoto, puxando o bloco – Já esperava por isso. Então, agora é a hora em que terei que deixar algumas pequenas atuações com vocês...

Eu, reencontrando um dos colhões – Peraí, devagar com a passarela; tu tá falando de multar quem?

Alvarenga, didático – O responsável serve.

Eu, pensativo – Responsável? Difícil cê achar isso por aqui, chapa.

Alvarenga, apontando – Então terá que ser o senhor mesmo, Seu Treuffar.

Eu, tentando escapar do olhar da gata, no salgado momento da verdade –...

Alvarenga, inquiridor – Não entendi, senhor.

Eu, eloquente – Não sou o Treuffar.

Alvarenga Peixoto, anasalando – De qualquer forma, terei que autuá-lo senhor. Há uma série de irregularidades aqui: excesso de fakes atrapalhando a via pública; auto prosa lotada de referências ao Bar do Escritor e o pior, uma série de auto ironias não autorizadas.

Eu, no mato sem cachorro – Queisso, chefia! Somos o grupo mais auto irônico do pedaço. Temos até autorização para isso.

Alvarenga Peixoto, impassível – Negativo, essa primazia é dos judeus. Igual àquela piada:

– *E aí, Jacó. Como vai?*

– *Vou muito mal!*

– *Mas o que foi que aconteceu?*

– *Minha mãe morreu.*

– *Não me diga! Meus sentimentos. E o que é que a sua mãe tinha?*

– *Infelizmente, pouca coisa. Uma casa, duas lojinhas no centro da cidade e um terreninho no interior.*

Alvarenga Peixoto, assinalando a vitória – Então, faço a multa em nome de quem?

Agora eu tava ferrado. Se entregava quem era, não pegava a gata; se me deduro a mim mesmo, auto alcaguetando-me, tomava uma puta multa. A solução veio na forma de uma assistente de direção, dessas que se vê aos montes nos estúdios, chegando correndo com um descafeinado e duas rosquinhas:

Assistente, coadjuvando – Mister Allen, sorry sir, but could not find pretzels[1]!

Foi aí que me dei conta que havia um cara atrás do tal mister:

Eu, acabando de achar o outro colhão – Mas, que merda é essa?

Saiu um fulaninho ainda mais mirrado, detrás do outro, com exatamente a mesma voz.

Fulaninho mirrado – Er... Hehe. Sou o dublador oficial dele.

Foi aí que saquei tudo. Bem que devia ter desconfiado daqueles óculos de Groucho Marx que o tal fiscal tava usando.

Eu, poliglota, falando inglês farofa – Deveria saber que em se tratando de pseudônimos você apareceria, Mister Allen Steward Kohnsberg, ou melhor dizendo, Woody Allen!

Woody, novamente dublado – Hehehe, tava por aqui, procurando umas locações novas, quando fiquei sabendo dessa manifestação de fakes, resolvi dar uma passadinha e fazer um laboratório para um próximo filme.

Vanessa Fadinha, saltando para o lado do gringo – Ai, Woody, sou louca por uma exclusiva contigo!

Woody, que não é bobo nem nada – Só se for agora, baby.

Eu, tentando salvar o Titanic – Pô, Fadinha e nossa exclusiva?

Vanessa Fadinha, contabilizando – Aí, tu teve roteiro filmado?

Eu, na pendura – Não.

Vanessa Fadinha, aumentando o estrago – Ganhou algum Oscar?

Eu, minguando – Também não.

Vanessa Fadinha, mandando mata-leão – É diretor de cinema reconhecido mundialmente?

Eu, pegando a toalha – Negativo.

Vanessa Fadinha, mandando o fatality – Então, querido, porque ia querer alguma coisa com você?

Eu, cara do coyote do Papaléguas – Pena?

Uma limosine sinistra abriu caminho entre a multidão de fakes, pegou todo o staff do gringo, que saiu com a maior-delícia-do-pedaço a tiracolo. E eu ali, babando vontades...

Fakeaiada – E agora, o que faremos?

Eu, anotando mais um prejuízo na carteira – O que fazemos sempre: vamos tomar um porre e escrever. Quando estiver bêbado o suficiente, decido se monto a Igreja Espacial do Reino dos Filisteus ou vou para o Nepal, tirar onda de monge kaoísta...



JORGE LUIS BORGES

A SEGUNDA VIDA SUSPENSA DE BORGES

EDIVAL LOURENÇO

Jorge Luis Borges é o ícone da literatura argentina. Quem não leu suas obras, espalhadas em poemas, ensaios e contos, lembra-se dele pelo menos como o gênio esnobado pelo Prêmio Nobel. Se tivesse ganhado, seria apenas mais um. Se bem que, para a Argentina, o primeiro na literatura. Mas para o mundo, apenas mais um nobelado. O fato é que ele foi um dos escritores mais inventivos e cultuados do século 20, um verdadeiro renovador da linguagem literária. A Academia Sueca teve a oportunidade de fazer o reconhecimento e premiá-lo durante décadas, mas comeu moscas. Não ser distinguido resultou na maior distinção que o prêmio poderia fazer a um gênio de sua estatura. Não receber o Nobel é seu prêmio *sui generis*.

Como ocorre com a maioria dos escritores, sobretudo com os dotados de singularidade, Borges tinha suas obsessões. Dentre elas, o labirinto, o tigre, o espelho, a religião, o xadrez, a encruzilhada, os caminhos bifurcantes, a biblioteca infinita e, principalmente, o seu duplo.

Em momentos cruciais, o seu eu se bifurca e encontra-se consigo mesmo, proporcionando momentos oníricos, dramáticos e carregados de intensa nostalgia e reflexão. Às vezes, ocorre também num clima de surpreendente normalidade, num ambiente de realismo mágico, em que o estranho quase passa despercebido. Há outros momentos em que Borges sonha uma pessoa e propõe-se a integrá-la à realidade. Nesse processo, conclui, não sem espanto, que ele próprio não passa de sonho de um terceiro, num processo de duplicações que tenderiam

ao infinito. Toda a realidade seria o sonho dentro de um sonho, de um sonhador sonhado; o labirinto subjetivo neoplatônico.

A verdade é que Borges passou pela vida como um D. Quixote, lutando contra os moinhos de vento. E os moinhos, outros não foram, senão ele mesmo. Instantes em que o eu borgiano fragmenta-se para se apresentar diante de si como seu semelhante. Um semelhante bíblico, com todas as diferenças cabíveis, ou as semelhanças disfarçadas. Com isso conseguiu momentos de alta voltagem estética e psicológica que o consagraram como um gênio. E, sem dúvida, leva-nos a crer que teria sofrido redução ou enquadramento, caso tivesse recebido o Nobel.

Dois exemplos flagrantes de encontro com seu duplo estão nos contos "O outro" e "O Sul".

Em "O outro", Borges já idoso, encontra-se consigo mesmo, quando jovem, cheio de sonhos, animado com a escrita do seu primeiro livro de poemas. Nesse encontro, admite ao jovem que ao chegar à idade em que o velho se encontra, estará quase cego, mas, para não o assustar, conforta-lhe dizendo que a cegueira chegará lenta e mansamente como uma tarde de verão.

No conto "O Sul", Borges tem a morte biológica num hospital em Bueno Aires, por um acidente banal. Seu duplo escapa e vai rumo à instância dos antepassados, no Sul. Passa por caminhos estranhos, num mundo primitivo, encontrando pessoas surreais. Cruza com um desafeto ocasional, enfrenta-o num duelo de adagas, para o qual não tem nenhuma habilidade, para morrer dignamente, em luta, por um trespasses, feito o avô, herói de guerra.

Mas o encontro mais terrível de Borges consigo mesmo se dá no leito real de morte. Em 14 de junho de 1986, em Genebra, já nos estertores, Borges tenta falar com sua mulher, Maria Kodama, para que anote o que iria ditar. Já debilitado não tem forças físicas para tal. Mas sua força onírica está em plena forma. Em seu último conto, que sonhou ditar, Borges encontra-se com o jovem que acabara de publicar "Fervor de Bueno Aires", seu primeiro livro, com ótimas repercussões. Depois dos movimentos de aproximação, que às vezes são difíceis entre um jovem e um velho, no leito de morte, o velho explica ao jovem que,

para ganhar o Nobel, ele teria que se adaptar aos posicionamentos politicamente corretos, preconizados pelo júri do prêmio. Mas isso não valeria a pena. Diz que a honraria maior é merecer e não, ganhar, quando o não premiado se torna superior ao prêmio. Ninguém na terra teria um prêmio Nobel com a proeminência do seu.

O jovem vê por outro ângulo e anima-se com a possibilidade de receber a honraria e a grana decorrente. Diz que fará os ajustes necessários de comportamento para tal. Sem tempo de entabular maiores argumentos, Borges, com as últimas forças de suas mãos aduncas, esgana o jovem, sufocando-o até a morte, ao mesmo tempo em que sua própria morte acontece.

Encerra-se, ali, não só a possibilidade de a Academia Sueca redimir-se, mas também a última chance de uma segunda vida de Borges sobre a terra.



NATHANIEL HAWTHORNE

VIVER COM UM ESTIGMA

ELAINE MARIA MACHADO,

Em busca de algo inusitado para escrever o livro que o levaria ao topo da carreira como um dos mais importantes escritores do século XIX, *Nathaniel Hawthorne* entrou no navio e foi explorar a vila de Salem na terra do tio Sam.

Tomou uma identidade falsa e foi para o trabalho de campo. Chegou na pacata e puritana cidade e se apresentou como reverendo *Arthur Dimmesdale*. Ele era um jovem de aparência tranquila, muito educado, tímido e conhecedor das palavras para aquietar a alma daqueles que vinham em busca da salvação e, como ninguém, sabia como expurgar os pecados.

Após muito estudo, ele descobriu que naquele lugar, as pessoas não aceitavam quaisquer atos fora dos padrões da normalidade e, se não soubessem como explicar casos extremos, como a peste ou algo similar, acusavam de bruxaria e iam em busca das bruxas, levando-as à fogueira para serem queimadas vivas.

Num daqueles dias nublados, muito frio, o sol ainda não havia dado o ar da graça, um soldado trazia uma moça bem apessoada com um recém-nascido nos braços; era *Hester Prynne*. Ela foi exposta na praça, humilhada por todos os presentes por adultério e como castigo, trazia no peito esquerdo, bordado por ela mesma com exímio, a letra "A" escarlate.

Aquela moça aparentemente desamparada, apertava a criança conta o corpo, querendo ora protegê-la, ora assegurar que ninguém a tiraria de seus braços e fazia questão de deixar que todos vissem o seu estigma, a letra "A" escarlate no peito.

Naquela angústia, gritos de insultos e xingamentos, no meio da multidão ela percebeu um senhor de aparência mais velha, mostrando uma deficiência no ombro, em companhia de um indígena, destacando-se entre os demais. Seu corpo estremeceu. O pavor correu-lhe nas veias e a fez gelar. Com todas aquelas pessoas insultando-a pelo pecado de adultério, o pastor *Dimmesdalle* veio acalmar sua alma.

Após ditas as palavras de conforto e paz, feito o pedido para que ela indicasse quem lhe fizera tal agressão resultante do nascimento daquela criança, ela permaneceu calada, jamais diria quem era o pai da menina; carregaria para o túmulo aquele segredo; em seguida, ela foi levada de volta para a prisão e aconselharam o guarda a chamar um médico para olhar mãe e filha que pareciam bem agitadas com o tumulto na praça.

Na cela escura da prisão, chegou o dr. *Roger Chillingsworth* com uma aparência assustadora. *Hester Prynne* entrou em pânico! O horror em seus olhos causava espanto em quem quer que ali estivesse. Ela, novamente, apertou a criança contra si e relutou para não se deixar examinar.

O médico, com uma calma estudada e planejada, conseguiu medicar mãe e filha e saiu para continuar sua tarefa de salvar o corpo das pessoas, pois a ama quem salvaria era o pastor.

O tempo passou, *Hester Prynne* foi morar na periferia da vila, sempre prestando serviços à comunidade para dar conforto à filha que, a cada dia, mostrava-se mais bela e meiga com a mãe, contudo avessa aos contatos com as pessoas estranhas.

Aquela bela jovem senhora passou por momentos terríveis de preconceito, insultos, discriminação, portando sempre a letra escarlate no peito esquerdo e, numa tarde, foi ao palácio entregar uma encomenda à esposa do governador e quiseram tirar-lhe a filha. *Pearl* era o nome da criança. Ela rogou por piedade ao pastor *Dimmesdalle* que lhe amparou com palavras de alívio, mostrando o quanto a menina, fruto do pecado da mãe e da maldade do esposo que a abandonara sem motivos, era uma bênção na vida daquela pobre mulher.

Com o tempo, Arthur Dimmesdalle começou a se definir.

Estava pálido, aparência esquelética e, pela preocupação dos fiéis, o dr. Roger foi consultá-lo. Conversa daqui, remédio dali, foi criando uma intimidade com o paciente, um vínculo de amizade e resolveram morar na mesma casa, assim seria mais fácil o médico acompanhar o caso do paciente e, ao mesmo tempo, o pastor cuidaria do doutor que tinha a idade avançada.

Dr. Roger foi, cada vez mais, buscando informações sobre o intelectual do reverendo para tratar-lhe o corpo, como se estivesse em uma caverna escura, a procura de uma luz que clareasse sua curiosidade de homem que deseja vingança. O que ele nem sonhava, era que o pastor tinha um lado muito reservado em se abrir aos supostos cuidados do até então amigo.

Algumas pessoas já haviam notado mudanças no procedimento do profissional em medicina. Ele não aparentava mais a calma de antes e passara a adquirir atitudes maléficas. Dia após dia, ele continuava cavando o coração do paciente em busca de uma revelação que, para ele, seria a descoberta do ouro. O terapeuta continuou fazendo perguntas sobre a alma do religioso e este ficou furioso e, em determinado dia, saiu do consultório a passos largos.

Este fato não impediu que um permanecesse ao lado do outro e dr. Roger continuou aparentemente calmo, mas no íntimo mostrava uma vingança felina e mortal ao passo que o pastor conservava tímido e sensível, embora nada revelasse sobre seu âmagô, também nada demonstrava a respeito da antipatia que passou a sentir pelo velho companheiro de tratamento.

E a devoção da população ao reverendo crescia cada dia mais, e sempre ele tinha uma palavra para confortar os fiéis, contudo no interior do seu eu ele carregava o pecado de encobrir sua verdadeira identidade; ele era o escritor em pesquisa e tinha também outro segredo que não queria nem que sua consciência escutasse o clamor de sua alma, mesmo querendo se abrir para aqueles que lhe depositavam fé dizendo: "Seu pastor é um imundo, um infame e um grande mentiroso". Todavia, fechava-se no silêncio da angústia que carregava no peito e que o definhava a cada passo de sua existência.

Dessa forma, *Hester Prynne* foi falar com o dr. Roger e mostrar o que seu espírito pedia. Ela resolveu contar toda a verdade ao pastor; desejava libertar o ministro do demônio que se tornara Roger e sua vingança. E, no mesmo instante, ela se odiou por ter sido casada com aquele homem hediondo em época e lugar distantes.

Na margem do rio, enquanto *Pearl* brincava com os peixes, ela avistou *Dimmesdalle* e os dois se olharam com espanto, como se fossem almas e outro mundo. Ele então começou a falar de sua agonia, desventura, desgosto e como se sentia infeliz; tudo para ele trazia o sabor da morte.

Com o desânimo dele, ela se ergueu com coragem e lhe disse que o inimigo morava sob o mesmo teto que ele; aquilo o fez dar um pulo de susto; caiu ajoelhado no chão, cobrindo o rosto com as mãos, quando ouviu que o dr. Roger era seu ex-esposo. Ele ficou chocado! Não sabia que rumo tomar dali adiante. Suas forças foram erguidas pelo fato de *Hester* ter arrancado a letra "A" do peito e jogado longe, prometendo que os três sairiam da vila para viver o grande amor que sentiam e ela chamou *Pearl* para conhecer o pai.

Ele não voltou para casa. Sentia-se um demônio. Foi para o palanque e chamou a população para revelar-lhes o grande segredo que guardava sob sete chaves. Segurou a mão de *Hester* e de *Pearl* e pediu-lhes perdão. Ao povo, revelou que ele não era o homem santo que todos pensavam e agradeceu o carinho recebido. Afirmou que a mácula que ela carregava, ele também a trazia no peito, corroendo-lhe a carne, queimando sua alma. Com um safanão, arrancou a faixa do hábito sacerdotal e todos viram a marca "A" cravada em sua pele como castigo pelo pecado cometido há sete anos. Todos viram a sensação de liberdade nos olhos dele enquanto o dr. Roger lhe jogava pragas e xingamentos.

Neste momento, o ministro caiu, sendo amparado por *Hester* e viu *Pearl* lhe beijar a face com carinho. Para os fiéis, pessoas muito respeitadas, aquele foi um ato de compaixão, caridade e humildade cristã, demonstrando sua crença em Deus, provando aos presentes a benevolência daquela mulher que viveu anos carregando a mancha

do adultério. Ele deu o último suspiro nos braços da amada.

O tempo passou, elas se mudaram e, quando *Pearl*, que havia guardado os escritos do pai por anos, lançou o livro póstumo "A Letra Escarlate", em memória de seu pai, Nathaniel Hawthorne, homem que pregou o amor e soube se desculpar pelos erros cometidos.

Após o lançamento e o sucesso do livro, as duas nunca mais foram vistas e em Salem a história de *Hester Prynne* tornou-se um folclore.



EDGAR ALLAN POE

CRIADOR DE SONHOS E PESADELOS

ELIÉZER BILEMJIAN RIBEIRO

Hoje ninguém mais se lembra ao certo daqueles fatos, ou talvez não queiram dizer nada a respeito. Eu me lembro com alguns detalhes, vagos é bem verdade, não saberia dizer com certeza se o que narro é algo que presenciei ou se minha imaginação tem me pregado peças e misturado estes acontecimentos com o que, penso eu, poderia ter acontecido... ou gostaria que tivesse acontecido.

Mas fato é que chovia, disso me lembro claramente, e foi logo após o terceiro relâmpago naquela noite, que vimos o carroção se aproximando, pelo acesso lateral em meio ao barro. Parou próximo ao *Tremont House*, que por sinal estava bem movimentado, ainda colhendo frutos e louros de sua pomposa inauguração na semana anterior. Na lateral negra do carroção lia-se com uma grafia bem desenhada e em tom parcialmente desbotado "E. P*E criador de sonhos e pesadelos", entre o P e o último E maiúsculos havia um borrão ilegível que podia muito bem ter sido um O nos dias em que o texto fora cuidadosamente escrito em escarlata. Era um slogan estranho, não a parte referente aos sonhos, pois todo tipo de andarilho e mascate que volta e meia aparecia em Boston àquela época vendia curas milagrosas e sonhos, eles sempre vendiam sonhos. Mas definitivamente aquele homem, com seu semblante ébrio, bigode bem recortado e olhar vazio não parecia realmente vender sonhos. Era órfão. Seu nome era Edgar.

Na manhã seguinte nem bem amanheceu o dia, se sentou à frente do carroção e abriu uma tenda de tecido, tão puída quanto seu

terno. Comentou algo sobre sua musa ser a pobreza, quando Margareth desviou seu passo para ficar mais distante do espaço ocupado pela tenda na via empoeirada, comentando algo inaudível em voz baixa com Francis, que a acompanhava. Edgar vociferou alguma praga, Margareth deu de ombros e seguiu seu rumo.

No segundo dia de sua estada na cidade, doze crianças, acordaram chorando à noite, com incontinência urinária e aos berros, dizendo que uma sombra negra estava a seu lado na cama, como que a velar seu sono, ou aguardando para cortar suas gargantas. Dez destas crianças faziam parte de um grupo que havia caçado do viajante, jogado paus e pedras em direção a sua tenda. Não acertaram nenhum dada a distância que mantiveram para a façanha, talvez por medo de se aproximar, talvez para manter uma vantagem em caso de necessária fuga, se o estranho corresse em direção a eles.

No terceiro dia a tenda aparentava estar mais limpa, como se o tecido houvesse sido trocado. E logo após o almoço já se formava uma pequena fila de cerca de 5 pessoas do lado de fora (Margareth estava entre elas), e mais uma dezena de curiosos fora da fila, tentando ouvir algo mais do que os gritos abafados e sussurros, e compreender o que se passava dentro da tenda. Do lado de fora via-se uma pequena mesa improvisada com um tampo de cerejeira carcomido, em cima da qual um pote de barro negro abrigava alguns *cents* de cobre.

Ao final da primeira semana Edgar ficou conhecido por todos como um contador de histórias e fazia agendamentos para atender à demanda crescente de ouvintes. Seu atendimento era individual e as filas aumentavam, começou então a imprimir alguns folhetins, tortos e meio amassados dado o improvisado e a urgência com que eram feitos. Traziam alguns desenhos desconcertantes que talvez assustassem mais que o próprio texto que os acompanhavam, e não foram poucas pessoas que relataram ter visto estes desenhos se movendo nestas páginas à noite, sob a luz bruxuleante do fogo que queimava nas lamparinas. E incompreensivelmente na manhã seguinte, mesmo com as olheiras de uma noite mal dormida, estas mesmas pessoas voltavam às filas a frente da tenda de Edgar, para ouvir e comprar histórias, mesmo sem

saber o que as compelia a voltar e voltar, dia após dia, mesmo sabendo que novamente iriam sentir medo.

No final daquele mês muitos tiveram a impressão de que a noite ficava cada vez mais escura e viram Edgar perambulando sem rumo, em passos embargados e incertos. Vez ou outra parecia estar conversando com alguém, mas nada se via além da sua silhueta de cabelos desgrenhados, trajando um sobretudo negro e das sobras da noite. Ele parava ao lado das janelas mal iluminadas das casas e em movimentos rápidos, que mais pareciam uma convulsão, em seguida proferia uma série de palavras ininteligíveis e uma gargalhada baixa e aguda.

Não sei se criou algum sonho no período em que ficou Boston, mas ao final do segundo mês Edgar começou a recolher as suas coisas. Mesmo após desmontar sua tenda uma fila permanecia alinhada ao lado de seu carroção. Alguns lhe pediam para ficar, outros praguejavam e lhe diziam para ir embora logo, mas que deixasse alguns folhetins, e não foram poucos que lhe perguntaram aonde iria agora. Edgar correu então os olhos pela aglomeração que se formava, e observou um pequeno garoto, em trajas sujos. Ele tinha os pés voltados para dentro, como se acometido por algum problema ortopédico, o olhar fixo em Edgar e um saco de linha largado no chão ao seu lado.

Edgar se abaixou ao lado dele, conversaram brevemente.

- Que fazes tu aqui?
- Quero ir com o senhor.
- Mas sigo para um caminho sem volta.
- Sempre sozinho?
- Já tive um gato, não me orgulho do que fiz a ele. Hoje viajo só.
- E se eu fosse com você?
- Não poderia voltar.
- Nunca mais?
- Nunca mais.

Neste momento o garoto lançou de um só movimento o saco aos ombros, e caminhou em direção ao carroção. Edgar amarrou seus últimos pertences com um nó displicente e seguiu em sua direção.

- E qual seria teu nome?

— Stephen, senhor.

— Então suba e tome lugar, Stephen. No caminho vou lhe contar sobre um pássaro negro como a noite.



STEPHEN KING

A APARIÇÃO

GERALDO ROCHA

A casa havia sido construída a uns 500 metros da US Route 2, uma estrada que fazia ligação com várias outras cidades da região. Por ali passavam os moradores locais e também os turistas, que se dirigiam à cidade típica de Bethel, localizada ao norte do estado do Maine, cerca de 115 quilômetros de Bangor. Por muito tempo, a imponente casa de madeira, pintada de vermelho, com telhado branco e porta em estilo colonial chamou atenção dos viajantes. A residência tinha 2 andares, e sobre o telhado principal uma chaminé destacava quase da altura das grandes árvores que circundavam o local. O acesso à residência se dava por uma estreita estrada vicinal onde mal cabia um carro. Perto da casa, a uns cinquenta metros da entrada, um portão de ferro estava sempre trancado. O quintal era circundado por uma cerca de madeira, com paus roliços e travada por tábuas de carvalho pintadas de preto. Não era incomum deparar com pessoas tirando fotografias, e muitas vezes, se pendurando nos mourões da sebe, tentando enxergar o que existia dentro daquela cercania.

A propriedade vivia envolta em mistério. Ninguém sabia quem era o solitário morador, de onde ele viera e nem quando havia chegado. Nas poucas vezes em que era visto, quando saía para fazer compras no mercado da cidade, era objeto de curiosidade dos habitantes. Com quase 2 metros de altura, era muito magro e o cabelo grisalho dava-lhe uma aparência de sabedoria. Os olhos de um azul profundo, fitavam o interlocutor com intensidade, quando alguém tinha a oportunidade de falar com ele. Na casa não se sabia da existência de outras pessoas, pois ele nunca abria o portão e não recebia ninguém. Quando aparecida na cidade, dirigia uma picape Ford vermelha, ano 1967 com a carroceria toda envergada pelo transporte de madeiras e plantas

que ele cultivava em sua propriedade. Fazia as compras, pagava em dinheiro e voltava para casa.

Certa vez o xerife o abordou para saber detalhes de sua vida e porque tinha escolhido o Maine para fixar residência, especificamente naquele local ermo e solitário. Ele não deu muitas informações, e como seu prontuário não identificou nenhuma anotação digna de preocupação, a autoridade policial não o incomodou. Era mais um cara esquisito e misterioso como muitos outros. A suntuosa casa havia sido erguida nos anos de 1960, e durante sua construção, poucas pessoas da cidade trabalharam na obra. Os ajudantes, chegavam e depois de um tempo desapareciam sem que ninguém se desse conta.

Uma década depois de construída, a ação do tempo começou a deteriorar a propriedade. Já era possível notar fissuras entre as tábuas do quintal, de onde se podia observar que as árvores frutíferas morreram esturricadas pela falta de água. A trilha de acesso, que saía da estrada principal até o portão estava tomada de erva daninha. A chaminé, há muito não expelia fumaça, sinal de que os moradores estavam inativos por alguma razão. O xerife tentou encontrar uma explicação para o ocorrido, entretanto, após infrutíferas buscas na propriedade, não encontrou vestígios suspeitos. Bateu por diversas vezes na porta e ninguém atendeu. Como não havia nenhuma denúncia ele imaginou que o velho deveria ter ido embora, assim como havia chegado.

Em Bangor residia a família King. O pai, Stephen, nascido em Portland, era um escritor em busca de reconhecimento. Desde pequeno escrevia tirinhas para revistas em quadrinhos e pequenas histórias de terror que vendia em semanários pela cidade e na faculdade. A esposa Tabitha King, era sua incentivadora. Eles se conheceram na juventude e logo se casaram. Da união, vieram 3 filhos, uma menina e dois meninos. A família enfrentava dificuldades para se manterem, o que pressionava para que Stephen se desdobrasse em vários trabalhos para conseguir complementar a renda. Enquanto isso, seus romances eram recusados pelas editoras o que o deixava deveras frustrado.

No Maine o céu fica encoberto quase o ano inteiro. O inverno é gélido, com ventos fortes, enquanto o verão é agradável, com tempe-

raturas por volta de 20° graus Celsius. No outono as folhas adquirem tons coloridos, entre o vermelho, o laranja e o amarelo, deixando a paisagem com uma beleza exuberante. É a época de aproveitar o clima para curtir os passeios, frequentar as praias e os pontos turísticos. Stephen havia prometido viajar com a família no final de semana, e na sexta-feira ele acordou bem cedo, pois precisava preparar os sanduíches para a viagem. O trajeto até Bethel duraria cerca de 2 horas e ele queria chegar antes que a cidade estivesse muito cheia. Havia alugado um trailer e depois das 10 horas o local ficava bastante tumultuado.

Saíram de casa por volta das 7 horas e o trânsito estava bem tranquilo. Colocou uma fita cassete para tocar e o som de um rock romântico invadiu o carro. Logo que pegaram a estrada ele avistou o casarão abandonado. Aquela visão fantasmagórica o impactou de forma arrasadora. Sua mente entrou em parafuso e seu corpo estremeceu como se presenciasse uma aparição. Tudo que ele imaginava em seus devaneios para escrever romances de terror materializou em seu inconsciente assim que ele avistou a casa. Tabitha notou o semblante carregado dele. Olhou de soslaio para o marido e seguiu seus olhos em direção à casa, percebendo de cara o que o impactara tanto.

Stephen não disse uma palavra. Continuou dirigindo cada vez mais devagar até parar no pequeno trieiro que dava acesso à entrada principal. Desceu do carro e ficou estático olhando aquela paisagem desolada. “O que o papai está olhando, mamãe?” – Perguntou Naomi. “Não sei, filha. Deve ser aquela casa abandonada” – respondeu Tabitha. Stephen caminhou vagarosamente pela trilha e chegou até o portão. Empurrou a estrutura de ferro e as folhas duplas do portão se abriram com um rangido. Ele sentiu um calafrio, suas pernas tremiam. Atravessou o que um dia havia sido um jardim, agora tomado de relva e todo tipo de praga e chegou até a porta principal.

Os ferrolhos da porta estavam enferrujados, mas não havia traca. Ele empurrou com força e a madeira cedeu abrindo um espaço para sua passagem. Dentro da casa os móveis estavam dispostos de forma organizada, porém tomados de teias de aranha e poeira. Um cheiro de podre invadia o ambiente. Talvez a mistura de madeira molhada

com mofo tinha a impressão de que era o cheiro da morte. Stephen seguiu em frente e chegou até a cozinha. Panelas enferrujadas, restos de comida grudadas, pratos em uma pia seca e muita, muita sujeira. "O que aconteceu nesta casa?" – perguntou para si mesmo. Não dava para imaginar, mas alguma coisa triste e tenebrosa havia se passado ali.

Voltou para a sala e uma grande tarântula preta desceu pela parede. Depois outra e mais outra. Parecia que haviam adotado aquela casa como moradia. Acessou a escada para o pavimento superior e a cada degrau que pisava um rangido estranho ecoava pelo ambiente. No final da escada uma grande teia de aranha fazia uma barreira para a sala de descanso. Tentou abrir espaço com as mãos, porém aquelas habitantes peçonhentas começaram a caminhar em sua direção. Ele acendeu um isqueiro e queimou um pouco do emaranhado de teia, fazendo-as recuar. O pequeno corredor dava acesso aos três quartos existentes. Abriu a porta do primeiro e não havia nada, apenas a cama empoeirada pelo tempo. O segundo quarto encontrava-se desarrumado, como se alguém tivesse dormido e levantado sem arrumar os lençóis. Abriu a porta do último quarto e uma cena espantosa arregalou seus olhos.

Deitados sobre o estrado 3 corpos jaziam sobre a cama. Ressecados pelo tempo, sobravam apenas o crânio esbranquiçado. Um fecho de cabelo grisalho, acima do crânio maior, uma cabeleireira viçosa amparava o crânio pequeno de uma criança na faixa de 12 anos e do outro lado uma mulher, com certeza a mãe, com os cabelos finos e tingidos de amarelo. Uma cena grotesca! Teriam se envenenado simultaneamente para morrerem todos juntos e deitados na mesma cama? Teriam sido mortos por alguém e deixados apodrecer sem que ninguém soubesse? Ou teriam sido picados pela enorme cobra que ele viu se movimentar e sair debaixo dos lençóis que cobriam a caveira daquelas pessoas? Não dava para saber.

A grande cobra sibilava e se movia lentamente em direção a Stephen. Ele percebeu o perigo e foi se afastando lentamente para não provocar a ira da serpente. Poucos passos adiante alcançou a escada e desceu até o andar térreo dirigindo-se para a saída. Antes de cruzar a

porta ele olhou para trás e quase caiu de costas. A menina encontrava-se de pé no final da escada, segurando a cobra com as duas mãos. Sua cabeça não tinha músculos, nem pele. Seus olhos eram apenas os buracos que um dia enxergaram. Sorriu para ele com aquele sorriso eterno dos dentes que sobraram naquele crânio emoldurado pelos cabelos cacheados que desciam pelo corpo.

Stephen fechou os olhos, abriu e olhou novamente para a escada. Não havia ninguém e somente o vento que entrava pela fresta da porta balançava as teias de aranha queimadas pela chama do isqueiro. Voltou para o carro trôpego, cambaleando entre as árvores. Quando se sentou ao volante, Tabitha perguntou o que havia acontecido. "Você está pálido e ofegante, querido. O que tinha lá dentro"? Stephen não respondeu. Pegou uma garrafa de água e tomou todo o líquido de uma vez. Sua garganta ardia e seu peito arfava como se tivesse corrido uma maratona. Deu partida no carro e no primeiro retorno voltou para casa sem dar explicação. Sua esposa e os filhos ficaram sem entender, mas preferiram ficar calados.

Chegou em casa, trancou-se no seu escritório e começou a escrever. Uma semana depois ele deu um manuscrito para Tabitha validar. Era a história de uma menina com poderes psíquicos que infernizava a vida de uma cidade para se vingar dos abusos que sofria da mãe e dos colegas de escola. Deu o nome ao romance de *Carrie*. Pensou em mandar para uma editora, mas desistiu, pois o achava muito ruim. Jogou-o no lixo. Sua esposa o resgatou e pediu que o lapidasse. Após as correções, uma editora topou publicar e Stephen King recebeu US\$ 2.500,00 de direitos autorais. Foi seu primeiro cachê de escritor, o que na certa alavancou sua carreira para sempre. Até hoje ele se pergunta: "o que seria de mim se não visitasse aquela casa abandonada pertinho da minha residência e da qual nunca ouvira falar". Com certeza ninguém responderá essa pergunta.



**GUIMARÃES ROSA E
MANOEL DE BARROS**

LABUTA PRA COISAR MELHOR

HÉLVERTON BAIANO

De nome, o meu, Zé Eleutério, filho de Sinhana de Raimundo e de Raimundo de Sinhana, mãe e pai, criado versando na sabedoria deles, que semianalfabetos, labutaram mode a gente prosperar estudos. De certo, tirei até o ginásio e me apetrecho com as grandiosidades que encontro nos ditos de poetas e prosadores que deram de aparecer na pequena biblioteca do nosso povoado em meu interiorzão brabo, onde mesmo com o pouco sou professor das crianças da nossa única escola. Zuretaram dentro de mim umas coisas boas, quando encontrei as histórias de João Guimarães Rosa e os versos de Manoel de Barros, parecendo que escreveram dicretado nos meus tinos. Boto isso nos meus exemplos de sala de aula.

Todos os que têm a alma ligada aos seres que andam ou se plantam na terra se encantam com esses trens do sertão. Eu sou assim e vejo sapiência nas desenvolturas do mato. Recito as poesias de Catulo, Patativa e Ascenso e receito Manoel de Barros. Quando me deparei com João Guimarães Rosa e o seu *Grande Sertão: Veredas* não quis guardar só pra mim e me ajetei numa história para contar aos alunos sobre a grande alma dessas vivências, cortadas e recortadas. Como não quero me calar, astucio sabenças porque "ficar calado é que é falar nos mortos...", recorto, falo e digo um pouco dessas partes que Guimarães Rosa assoprou no mundo pelas bocas de Diadorim e Riobaldo.

Eu tenho encantamento com Rosa, pispiando que para ele "o Sertão é do tamanho do mundo", e eu sou desse meio, um mundo onde "pobre tem de ter um triste amor à honestidade". Criado nos

entremeios de um cerrado beirando a caatinga, me encanta ver as belezas das veredas. Cada beleza tem sua medida, os passarinhos têm a sua: "Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas..."

Certa feita, apeguei por demais com as ignoranças de Manoel de Barros, que diz, entre outras coisas que "poesia é voar fora da asa". Quando quis explicação, cantou:

"O ocaso me ampliou para formiga.

Aqui no ermo estrela bota ovo.

Melhoro com meu olho o formato de um peixe.

Uma ave me aprende para inútil.

A luz de um vaga-lume se reslumbra.

Quero apalpar o som das violetas.

Ajeito os ombros para entardecer.

Vou encher de intumências meu deserto.

Sou melhor preparado para osga.

O infinito do escuro me perena".

Eu vadeio nessas coisas especiais de boas, que fazem a gente coisar melhor. "Eu queria decifrar as coisas que são importantes," assegurou Rosa pela boca de um dos seus.

Essas coisas eram vistas por um deles como obras de Deus: "Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver — a gente sabendo que ele não existe, aí é que toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo".

Eu assuntei sentido demasiado, porque aprecio, em Manoel de Barros, do Pantanal, as sabedorias do compadre seu Quelemém, das Veredas, de Guimarães Rosa? "Aprendi um pouco foi com o compadre meu Quelemém; mas ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa." "... A gente sabe mais, de um homem, é o que ele esconde".

Por vivências aqui, sei que a vida muitas vezes vai amargurando o homem, tornando-o, em suma, sumo. Até vi Guimarães Rosa contar o que é isso: "Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!" Noutro ponto dizia, certamente para me agradar ainda mais, que "o vau do mundo é a alegria." O vau é onde dá passagem, por onde a vida segue, é onde a gente atravessa as águas. O sertão das Veredas explica pra gente? "O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá. Mas a vida não é entendível".

Chegava à conclusão de Rosa que a vida não era para ser entendida, apenas vivida. "A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação – porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada... A vida é um vago variado... A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes. Tem as neblinas de Siruiz (cavalo de Riobaldo). Tem as caras todas do Cão, e as vertentes do viver".

Nos meus passeios com a meninada, nos ensinamentos, versei algumas palavras de poesia vinda de Manoel de Barros, que eles entendiam, porque viviam aquilo ali:

“...

Escuto o perfume dos rios.

Sei que a voz das águas tem sotaque azul.

Sei botar cílio nos silêncios.

Para encontrar o azul eu uso pássaros.

Só não desejo cair em sensatez.

Não quero a boa razão das coisas.

Quero o feitiço das palavras”.

Eu terminava explicando algumas coisas que a terra, os matos e os bichos já ensinavam a eles. Aprendiam essa língua e aos poucos iam se melhorando.



**CLARICE LISPECTOR E
FERNANDO PESSOA**

O ENCONTRO DE DUAS MENTES INQUIETAS DO OUTRO LADO DO OCEANO ATLÂNTICO

IRAIDES BARBOSA

O português se olha no espelho e resolve aparar o bigode. A visita ao barbeiro que o atendia de longa data estava próxima, mas naquele dia não poderia sair a perambular pelas ruas da cidade de qualquer maneira. Precisava ao menos diminuir o volume e conferir as extremidades estreitas. Pareciam feitas a pincel. Para isso usava uma pequena tesoura. Puxou a pele do rosto forçando a boca para o lado de modo que os pelos sobre o lábio superior viessem juntos. Olhos atentos. Mente ainda mais. Mãos ágeis que preferiam estar sobre uma folha de papel em branco que velozmente era preenchida por letras e palavras.

Só ele via que os pelos avançavam rumo ao lábio superior em desordem. Na verdade, bastou serem penteados para apresentar melhor aspecto. Olhando a um metro de distância, não se percebia algo desalinhado naquele rosto. "Vestirei o meu melhor fato". Naquele momento a metafísica era renegada a segundo lugar. Aquele homem ereto era mesmo criativo, ou seria melhor dizer inventivo. Não admitia o marasmo. Era avesso ao singular. Precisava de algo mais. Ora se expressava como sendo de temperamento fleumático, ora como

sanguíneo e sempre com idealismo e sem limites. Com aquela imaginação fértil, fazia brotar personalidades retratadas em seu diário, como que a brincar. Em cada uma a satisfação e a realização do muito que teimava povoar a mente sôfrega.

Terminada a tarefa que ao final entendeu ser melhor deixar para o barbeiro, fez algumas anotações. Aquele era um ritual, enquanto não criasse algo que fizesse o coração palpitar e um sorriso camuflado vencer a sua resistência em revelar emoções e movimentasse o bigode, não se sentia apto para sair de sua vivenda. Consultou o horóscopo do dia. Refletia sobre o que fazer. Seria melhor desistir do encontro para o qual, desconfiava, já estava atrasado. Ainda não havia vencido a si mesmo. A leitura o fez franzir a testa e olhar fixo, sem direção. O texto devorado há instantes não recomendava que ele saísse e se aventurasse. Bem que preferia dar continuidade ao que escreveu ao se levantar. Os pensamentos lhe roubavam do presente ligeiramente. Ora lhe chamava a atenção a última anotação, ora algo novo. Um nome veio com força: Caeiro. Isso. Estava certo. Preferia dar asas a algo importante. Caeiro teria muito por anotar. Melhor definir o seu nascedouro e o seu mapa astral. Já estava divagando. O pensamento, veloz para todos, para ele tinha ainda mais empenho e visão.

Ele já estava mais familiarizado com a escrita em português, por pouco permaneceria se expressando em inglês e perderia uma grande e intensa paixão. Ao longe e do alto vê a torre de Belém. Naquela posição, perdia a noção do tempo. Revestia-se de uma nova personalidade através de sua criatura. Gostou de Alberto Caeiro. Servia ao seu propósito. Em transe, transcendia e se esquecia de quem era. Naquele instante de criação se ouvisse alguém lhe chamar, certamente não daria ouvidos. Estava entregue, absorto.

Enquanto isso, no bairro do Chiado, mãos claras e dedos alongados, seguravam um cigarro pela metade, que se queimava rápido, tamanho era o trago impaciente. Ela olhava o relógio de pulso atentamente. O mostrador com o arremate em vidro pesava numa pulseira fina de couro preto e se virava no pulso, para baixo. A mão direita de uma mulher impaciente girou o relógio para o lado oposto.

Não suportava atraso. Computava não somente os minutos que se esvaíam, mas também os segundos que giravam uma sequência de números e beiravam completar uma hora de espera. À sua esquerda um café charmoso e um nome peculiar. Certo que era atrativo, mas preferia esperar pela chegada do convidado para entrar no local e se servir. Sentada ficaria ainda mais frenética. Definitivamente não sabia esperar. A impaciência não permitia. Ao menos estivesse com o seu caderno de anotações. Naquele dia contava em ouvir, estabelecer contato e revelar a admiração por alguém que não conseguia decifrar.

Mesmo tendo muito a esperar, permaneceria no local combinado. Precisava apaciar os pensamentos. Por vezes tinha medo de ficar louca, de tanto discorrer. Abriu a carteira de cigarros conferindo o seu conteúdo. Ainda estava pela metade. Respirou profundamente. Ajeitou os cabelos com mãos cicatrizadas. Retocou o batom ali mesmo na calçada. Conferiu o relógio mais uma vez. Agora sim, um alarme soou gritante em sua mente. "Ele não virá", pensou. Os olhos giravam em todas as direções, a registrarem as pessoas que passavam por ali. Um senhor robusto com uma criança. Não é ele. Uma senhora e seu esposo certamente. Também não é aquele que espera. Deixou de olhar as pessoas. Observava as paredes do café à sua frente pela porta de madeira e vidro, entreaberta. O lustre gigante saía do teto amadeirado, ameaçando a força da gravidade, mas se mantinha inerte. Percebeu ainda um balcão pela lateral oposta a uma escadaria. Já estivera ali saboreando um café de bom aroma e fino sabor, mas não descera aqueles degraus. O cigarro findou. Respirou mais uma vez profundamente levantando o pulso à sua frente. "De novo, não. Não vou mais conferir as horas. Fico mais um pouco e me retiro". Estava decidida. Chiado era muito atraente aos seus olhos. A cada parte algo lhe chamava a atenção e aos poucos a impaciência desistiu dela. — Clarice. — Absorta, ela seguia com os seus próprios pensamentos. Precisava conferir onde daria aquela rua. Passos firmes se distanciavam do café. As mãos em braços soltos num movimento de vai e vem. — Clarice. — "É comigo. Sou eu". A curiosidade a distanciara da razão de estar naquele local. Os pés paralisaram. "Será?"

— Me perdoa querida pelo atraso.

A cafeteria contou com dois hóspedes com muito assunto. A conversa fluía e cada um relatava experiências e vivências como ninguém. Acaso tivesse alguém anotando e um *best seller* teria sido publicado. Frases magnéticas e inspiradas eram proferidas. Era como se falassem em versos soltos que poderiam compor um poema. Sim, aquela conversa se assemelhava a um esboço poético. Os compromissos seguintes de ambos foram soterrados pelo esquecimento. Naquela tarde um casal instigante, dois pares de olhos duplamente atentos circulavam pelo Jardim da Praça do Império. Os guardanapos do café saíram repletos de anotações em bolsos e numa bolsa minúscula. Nos dias seguintes Clarice era desperta por versos de amor, palavras de encantamento e conquista que eram retribuídas. O sentimento intenso tomou conta, atropelando entendimentos contrários.

De volta ao seu país, ela desfaz a mala e retira o livro "Mensagem". Iria ler cada um dos quarenta e quatro poemas com sofreguidão. Tinha em mãos uma obra de seu amado. Relê a dedicatória: "Para Clarice Lispector, um sopro de ânimo". E os seus olhos verdes brilharam intensamente. Aquele homem gentil parecia adotar um código de conduta próprio. Era mesmo um ser enigmático. Ela não conseguiu decifrá-lo.

A saudade atrelada à admiração inspirou mais uma crônica, dessa vez despartada do humor negro, a prosa fluía e permeava por becos que chiavam esperança. Sem outra razão para a escrita de outro texto naquele momento, publicou a crônica na coluna semanal que mantinha no Jornal do Brasil. Nem os leitores mais assíduos perceberam os vestígios de uma paixão avassaladora nas entrelinhas.

Do outro lado do Oceano Atlântico, o autor da dedicatória se isolava novamente, retrocedendo ao ostracismo. Empenhava-se no desenho, na alquimia e na escrita como preferia Fernando Pessoa. Algo extra o inquietava ainda mais. Por inúmeras vezes o seu olhar se perdia no horizonte e a lembrança tomava conta de sua mente e o motivava ainda mais a se entregar à grafia.



FERNANDO PESSOA

NAS ARCADAS DO MARTINHO

ITANEY F. CAMPOS.

Um ventinho frio, oriundo do caudaloso rio Tejo, perambulava pela praça do comércio, obrigando os transeuntes a abotoarem até o pescoço os seus agasalhos e sobretudos. O inverno se anunciava nessa aragem impetuosa. As primeiras sombras se estendiam pelos arredores da cidade de Lisboa. Pelo passeio, segurando o chapéu pela aba, seguia apressadamente o poeta Fernando Pessoa, em direção à bodega do Martinho. Habitué do estabelecimento, onde tinha cadeira cativa, o escritor fechava o dia com uma taça de vinho da região do Douro, cujo retrogosto ele quebrava com uma boa dobrada lisboeta. Ao adentrar o restaurante, Pessoa não pode deixar de franzir o senho ao ver que, encostado ao longo balcão, junto ao balaústre, se achava o seu heterônimo Alberto Caeiro, o alter ego de quem ele menos gostava.

-“Que maçada, pensou, esse gajo está sempre a me aborrecer! Que pretenderá, desta vez? Já não se pode em sossego degustar a dádiva de um tinto seco do Doiro.. Bem, vamos resolver logo a parada, o que não tem remédio, remediado está; que os deuses me propiciem que ele logo se bata em retirada. A ele lhe cansava o parceiro, um campônio, um poeta rústico, que rejeitava as questões metafísicas e discussões filosóficas. Um homem rude, avaliou; que não me escutem ele e Deus. Não é mau pensamento, é a verdade. Afinal, é um sujeito que praticamente não teve educação formal. E me aparece logo hoje que, segundo a previsão astrológica, não seria um bom dia para encontros, sejam ou não com amigos” E foi em direção ao seu colega, estendendo-lhe a mão:”

“Salve, Alberto, folgo em ver-te, e bem posto, há pouco pensava

em ti! Que bons ventos cá te trazem?” Caeiro, com o braço estendido e a mão aberta, retrucou: “Boa tarde, Fernando! Não percebeste porque estavas entregues à tua metafísica, mas me abalei para este aprazível recanto na mesma aragem que te impulsionou pelo largo, em direção a estes arcos. Creio que não me viste, pois não é do teu feitio menosprezar os amigos, mas pensei cá comigo, “será que o Pessoa anda nas nuvens, fraquejou os sentidos, que já não percebe quem o acompanha?”. E riu-se da expressão atarantada do escritor.

“Um homem simplório, eis o que temos”, refletiu o poeta, e verbalizou: “Acompanhas-me em um cálice do bom vinho do Douro, meu amigo?”.

Com a franqueza peculiar, o outro observou:

Ó, Fernando, já não me sabes um abstêmio convicto? Se me vires a beber, saiba que é involuntário. Ou porque a isso me obrigam! Mas senta-te, homem! Refestelemo-nos com uma boa prosa!»

Resignado, sentou-se o escritor, sinalizando ao proprietário do estabelecimento que lhe trouxesse a bebida. Preparou-se para quedar-se em silêncio, sabido que o interlocutor era um contumaz palrador. Cultor do monólogo, ao que, à boca pequena, diziam. Sem perda de tempo, fixando o olhar no rosto do poeta, Caeiro começou o seu discurso:

“Fernando, tu hás de convir: tua revista Íbis foi à bancarrota porque careces do tino da objetividade. Dizes ser um fingidor, mas não saber fingir, pois fingindo embora, trazes à tona a verdade. Não pode ser assim, meu amigo. No comércio de qualquer ramo, hás de fingir, sem fugir do fingimento. O que sinto, eu não revelo. E nem nem sempre sou igual no que digo. E as vezes mudo, mas não mudo muito. Pareço as vezes não concordar comigo, mas sou sempre eu. E assente sobre os mesmos pés. Tu não, tu carregas os portos, as paisagens, os sonhos.. Tens que cair na real: o sentido oculto das coisas é elas não terem sentido oculto nenhum..Na verdade, as coisas não tem significação, tem existência. Compreendeu? Por exemplo, quando vejo o luar através dos altos ramos, para mim não é mais do que o luar através dos altos ramos.”

Pessoa, constatando que o seu silêncio não conseguia conter a verbosidade do interlocutor, tentou uma observação:

“Mas todo estado de alma é uma paisagem...uma tristeza é um lago morto, uma alegria um dia de sol em nosso espírito...temos consciência de duas paisagens...”

Antes que concluísse, Caeiro o interrompeu:

“Eu não tenho filosofia, tenho sentidos. E não há metafísica maior do que não pensar. Outra cousa: quem ama, nunca sabe o que ama, nem porque ama e nem o que é amar.. na verdade, pouco me importa!”

Neste ponto, o Poeta, que vinha assentindo a quase tudo com a cabeça, perguntou:

“Pouco importa o que?” o outro respondeu:

“Não sei, só sei que pouco me importa! Eu não sei o que penso.”

E abaixando o tom da voz, disse gravemente ao amigo: “Meu caro, não acredito que eu exista por detrás de mim! Quero é desembrulhar-me e ser eu. Você poderia me perguntar o que penso eu do mundo. Eu respondo: Sei lá o que penso do mundo! Se eu adoecesse pensaria nisso. Quem pensa está doente dos olhos. Querer compreender demais é um erro...»

Pessoa objetou, perplexo: “Como assim, um erro?”

Foi ignorado:

“Se você diz que se aproxima das estrelas, está cometendo um erro. O distante não é próximo! Aproximá-lo é enganar-se! É como as bolhas na água que se formam à flor dos ribeiros. Não tem sentido nenhum, salvo serem bolhas de água.. Nada tiramos e nada pomos pelo mundo afora; passamos e esquecemos!”

O poeta de “Cancioneiro” já se quedava perplexo, a sentir a alma perdida e alheia. O amigo era uma torrente de palavras e argumentos sensíveis mas incongruentes. Observou o grande Tejo a fluir em silêncio e refletiu:

“O que é ser-río, e correr? O que é está-lo eu a ver? E me esquece o olhar olhando, isto me bate de encontro ao devaneando...”

Sentiu, de súbito, que o Caeiro o estava influenciando, a comandar o seu estado de alma. Tomou posse de si e voltou a atenção ao que

o companheiro de mesa dizia. Por um átimo pensou em pedir a conta e despedir-se, livrando-se daquela conversa maçante, mas lembrou-se de que, aonde quer que fosse, o falante Alberto o seguiria, a abusar de sua atenção e seus ouvidos, num parasitismo sem remédio. Foi quando percebeu o que o bucólico asseverava, com ares de sabedoria:

“.. não há Natureza, Natureza não existe. Há montes, vales, planícies; há árvores, flores, ervas; rios e pedras, mas não há um todo a que isso pertença; a Natureza é partes, sem um todo. É a verdade que só eu, porque não a fui achar, achei.”

Nesse momento, estimulado pelas várias taças de vinho, seguro de que o sócia perderá o siso, Fernando Pessoa explodiu: Alberto, não me digas mais nada! Arre, merda! Passa de mim, passa da minha vista! Perde-te, segue o teu caminho! Não me pegue no braço! Já disse que não gosto que me peguem no braço! Quero estar sozinho! Alberto, queres saber a que te exorto? Se te queres matar, ah, aproveita! Se ousares, ousa! Que amigos que tenho tido! Deixem-me em paz! Vá, Alberto, pentear macacos, alma de sabujo! És como um cu, ainda que limpo, é sempre sujo! Passa-te, segue o teu caminho! Arre, merda, quero estar sozinho! E assim vituperando, deixou o restaurante às pressas, enquanto o outro o seguia, como uma sombra, a repetir, “te acalma, Fernando, te acalma, homem! Deixa que eu te acompanhe.. Veja, eu estou contente e não estou contente; o que custa conceber que uma coisa é uma coisa, e não outra coisa mais adiante? Não te aborreças, homem.. depois do nada é o nada...” uma lufada de vento invadiu o ambiente, ao abrir-se da porta; a noite já envolvera a praça e seu monumento central, e engoliu a dupla de escritores...



FRANZ KAFKA

SONHOS

JOSÉ EDUARDO UMBELINO FILHO

“Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.”

A Metamorfose, Kafka

Antes de se encontrar em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso, Gregor Samsa teve uma noite de sonhos intranquilos. Sonhou que era outra pessoa, falava inglês, tinha um rosto juvenil e pálido, e repousava semiacordado à sombra de uma choupana de feno, perto de um rio, numa tarde quente de verão. Ao seu redor, sentadas sob os vestidos, três meninas tomavam chá em pequeníssimas chávenas de faiança inglesa. A mais viva, Alice, implorava: “Senhor Dodgson, conta outra história!”. Gregor não era o senhor Dodgson, ou talvez fosse, mas o sono e a embriaguez do calor o impediam de discernir e ele se deixava levar pelas palavras que a boca sozinha produzia: — Outra história? Vocês não se cansam? Talvez fosse mesmo o senhor Dodgson e, para garantir, passou as mãos nos cabelos e fitou as próprias ideias, descobrindo com certo alívio que havia se esquecido do trabalho de caixeiro-viajante, da família parasita, da irmã, do chefe, do horário do trem. Ao invés da umidade cinzenta da Europa central, estava envolto no verde civilizadamente despretenso de um verão inglês. — Uma história, então. Sei de uma a respeito de certa menina que não gostava de livros sem figuras.” — Assim como eu” — comentou Alice. — Assim como você e a maioria das meninas de sua idade. Mas a menina da história certa vez adormeceu à beira de um rio, à sombra de uma choupana de feno, depois de ter tomado chá com sua irmã.” — Assim como eu, mas eu não adormeci. Pelo menos, até onde sei, não adormeci” — disse Alice. — Será que não? Pois essa menina

adormeceu e teve um sonho maravilhoso.” – “O que ela sonhou?” O senhor Dodgson então contou-lhes que a menina sonhara com um país distante e estranho, em que os reis eram cruéis, tinham haréns e eunucos, e que um rei particularmente cruel se casara com sua irmã mais velha.” – Qual era o nome dela?” – perguntou Alice. – “Da menina? Era Dinazade.” – “Dinizade? Minha gatinha se chama Diná! Seriam parentes? E qual o nome da irmã que se casou?” – “Essa era Xerazade. Ela se casou com um rei chamado Shariar.” – “É um bom nome para um rei.” – comentou Alice. – “Você vai me deixar contar a história, Alice?” – “Ah, por favor, continue.” – “Agora, o problema desse rei é que ele tinha o péssimo costume de passar apenas uma noite com suas novas esposas. Depois, ao amanhecer, mandava que as decapitassem, gritando: Cortem a cabeça! Cortem a cabeça! Dinazade até tentou convencer sua irmã a não se casar, mas Xerazade era uma moça inteligente e tinha um plano. Na noite de núpcias, ela e Dinazade estavam nos aposentos do rei...” – “Espera! As duas estavam com o rei na noite de núpcias?” – “Sim, isso era costume naquele país maravilhoso.” – “Maravilhoso e nada civilizado.” – comentou, muito britanicamente, Alice. O senhor Dodgson então contou a Alice como Xerazade entreteve por mil e uma noites o marido e a irmã caçula com histórias fabulosas, mas que nenhuma daquelas histórias jamais seria mais fabulosa que a sua própria. A tudo ouviu Alice encantada. Depois não pôde deixar de se inquietar: – “Mas senhor Dodgson, se por mil e uma noite ouviram histórias, quando então dormiam? É preciso dormir também. Ficaram esse tempo todo sem dormir?” – “As duas dormiam assim que o rei saía e o sol tocava as vidraças do palácio.” – “Dormir de dia nunca é bom. Mas e o rei? Como dormia o rei?” – “Alice, o rei ficou tão encantado com as histórias de Xerazade que não dormiu por todo esse tempo. Depois da milésima primeira noite, findada a história e a vontade de cortar cabeças, ele finalmente adormeceu e caiu num sonho profundo e estranho.” – “O que sonhou o rei?” O senhor Dodgson então contou-lhes que Shariar, o rei, sonhou que era outra pessoa, que falava alemão e nascera em Praga. E que nem mesmo era rei ou nobre, mas antes um moço judeu, um tanto

esquisito, com o rosto vagamente fabuloso, de orelhas pontudas e o cabelo repartido ao meio. Vestia-se com aprumo e trabalhava numa companhia cinzenta, onde centenas de outros moços como ele batiam carimbos e assinavam documentos. Mas no seu tempo livre, gostava de escrever cartas a suas amigas e amantes. Talvez se tornasse escritor um dia, houvesse chance. Em suas cartas, falava muito dos sonhos que tinha. "Sonhei certa vez que era um caixeiro-viajante", escreveu o moço a uma de suas amigas. "Acordava de sonhos intranquilos em minha cama e havia me transformado num caixeiro-viajante. Não mais assinar e carimbar documentos, não mais essa vida mesquinha e sedentária em Praga. Não! No meu sonho, eu viajava o mundo. Sabia o horário de cada trem, e o cheiro de todas as estações: Praga, Viena, Berlim, Amsterdã, Paris! Sabia a cotação dos marcos e das libras." Sua amiga não se impressionou, e escreveu-lhe de volta: "Franz, meu querido, até em sonhos você é um burocrata. Ao invés de pirata ou aventureiro, sonha que é caixeiro-viajante. Ao invés do cheiro das Antilhas ou da Austrália, sonha cheirar Berlim ou Viena" Aquelas palavras machucaram profundamente o jovem Franz, como apenas palavras de amigas e amantes podem machucar, e ele permaneceu por longo tempo sem escrever. Esperava o sonho ideal, o sonho que provasse a todos que ele não era um burocrata mesquinho, e que poderia, sim, sonhar com piratas e ilhas do Caribe. Não queria mentir e, portanto, esperava a noite em que sonhasse, de fato, uma história maravilhosa. Até que, finalmente, foi acometido não por um sonho, mas por um terrível pesadelo. "Querida amiga, hoje escrevo-lhe para contar o pesadelo mais maravilhoso que tive. Nele, eu era o rei de uma história de reis e princesas, de palácios e cimitarras. Sonhei que me casei com uma moça perspicaz, e que me enganou por mil e uma noites, até que eu me apaixonasse por ela. Minha história fantástica foi contada por um inglês – logo um inglês – que entretinha crianças num verão especialmente quente. Mas este homem que contava minha história não passava, ele próprio, de personagem de um sonho. Quem o sonhou foi um caixeiro-viajante – sim, um caixeiro-viajante; não me julgue, querida amiga – cujos pais eram parasitas, cuja irmã tocava violino,

e que, numa certa manhã, ao despertar desses sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.” Aqueles sonhos intranquilos povoaram a noite de Gregor Samsa que, finalmente, despertou.



MURILO RUBIÃO

UM ENCONTRO CASUAL NAS PORTAS DO INFERNO

JOSÉ FÁBIO DA SILVA

“E ficarão sabendo que eu sou o Senhor quando eu executar sobre eles a minha vingança.” (Ezequiel 25:17).

Abri os olhos e estava morto. Não vi luz, não vi túnel, não vi anjo. Vi somente uma enorme fila parada. Fiquei lá por horas, ou dias, talvez semanas... Mas pouco importava. Estava morto e como defunto não tinha para onde voltar. Pensei, a princípio estar no céu, pois não tinha mais nenhum compromisso ou lugar para chegar atrasado. Outra coisa que me levou a essa conclusão era a existência de coelhos brancos por toda a parte. Pareciam bolas macias de algodão. Os olhos vermelhos, todavia, não deixava margem para engano: eram demônios.

Com o tempo – e foi muito tempo – percebi que os demônios não se importavam com quem estava na fila. Abandonei o meu lugar e parti a procura de seu início. Caminhei sem pensar no tempo. Se aquilo era o inferno, os demônios não trabalhavam bem, pois carecia de um pouco de sofrimento. A fila começava em uma gigante escadaria. Depois da escadaria se dissipava. Cada um fazia o que lhe viesse na cabeça. Alguns conversavam. Outros ficavam sentados com cara de paisagem. Pela postura dos presentes era de se suspeitar que todos eram intelectuais. A arrogância deixava o ar até mais pesado. Sim, eu estava de fato no inferno.

A escadaria levava a um grande portão. Existia somente o portão, sem paredes ou colunas a sua volta. O portão estava aberto. Em termos lógicos, nem deveria existir. Mas se estava lá, certamente tinha uma função. Perto dele estava um sujeito magricelo acariciando um coelho. O reconheci de imediato, era Franz Kafka. A princípio achei estranho o encontro, visto que ele era judeu e eu um incrédulo simpatizante do catolicismo. Suspeitei que estava ali para me receber, pois, segundo a crítica, tínhamos características literárias em comum. Antes que eu perguntasse algo, todavia, o coelho em seu colo tratou de me explicar a situação.

Me disse que como artista, eu não merecia o céu. Não existe pecado maior do que a criação. Aquele lugar, entretanto, ainda não era o inferno. Não bastava mal traçadas linhas para merecer o submundo. Os mediócrs ficavam para sempre condenados aquela fila. "Um mau escritor não merece o esforço de um demônio". Por isso, eram deixados em eterna espera, sem explicação ou motivo. O demoníaco coelho de ar angelical saltou do colo de Kafka e me pediu para segui-lo. "Lewis Carol, pensou que estava sonhando quando isso lhe aconteceu". Perguntei a Kafka se ele não nos acompanharia. "Não, senhor. Me recuso a entrar, temo que a minha condenação seja perder novamente a minha voz. Muito sofri em vida, e ao chegar aqui me senti bem como nunca antes. A propósito, estou muito feliz em conhece-lo senhor Murilo Rubião. Gosto do seu trabalho. Se o que escreveu fosse meu, certamente não os queimaria".

Me surgiu a dúvida de como ele me conhecia, visto que já estava morto quando comecei a escrever. Provavelmente era parte da punição, os escritores presos nesse submundo, passavam a eternidade a ouvir as novas histórias que nasciam. Por aqui, até onde sei, não existem canetas, máquinas de escrever ou computadores. Ah, se em meu tempo de existência computadores já fossem objetos comuns do dia a dia, seria muito mais fácil revisar os meus textos. Mas isso é passado, agora me resta a eternidade.

O coelho pediu para eu convencer Kafka a entrar. A punição dele seria mais terrível que a simples perda da voz ou a fome eterna. O

inferno era baseado em experiências distintas das experimentadas em vida. Não foi preciso muito para fazê-lo nos acompanhar. Creio que já estava entediado de ter uma fila como eterna paisagem. Seguimos o coelho branco pelo portão. Saímos em uma espécie de portal que flutuava sobre uma enorme cidade cheia de edifícios. O demônio nos explicou que cada edifício era destinado a uma Bela Arte. Apenas a Arquitetura não possuía um prédio. Os grandes arquitetos estavam condenados a passar a eternidade flutuando em um espaço vazio, sem a possibilidade de um ambiente a ser preenchido com um projeto qualquer. No edifício da Música os instrumentos permaneciam eternamente desafinados e os cantores não tinham voz. "Sorte sua não ser um cantor", disse o demônio alfinetando Franz.

O portal flutuante em que estávamos ficava logo acima da torre de um prédio. Saltamos direto para lá. O demônio se apressou em nos apresentar o lugar. "Vejam só que maravilha de obra são os nossos nove círculos infernais. Cada andar está destinado a um tipo de punição. Sim, copiamos do Dante, pois não fazemos questão de ser criativos. Isso deixa os grandes escritores putos da vida." Da cobertura, era possível ver que o prédio ainda estava em construção. O coelho das trevas nos explicou que aquilo fazia parte do castigo, o prédio era uma obra inacabada, dois círculos ainda não estavam em funcionamento. "Como todos ficarão aqui para sempre, têm a esperança de um dia ver a obra finalizada. Mas isso nunca vai acontecer."

A cobertura era o primeiro círculo, reservado a escritores que fizeram muito sucesso em vida, mas caíram no ostracismo depois da morte. Fazia parte da pena que todo recém chegado passasse por eles e não os reconhecesse. Ficavam todos lá mendigando que alguém dissesse o seu nome nem que fosse mais uma vez. Infelizmente, não reconheci nenhum deles.

No segundo círculo, no andar inferior, estavam os escritores que inventaram títulos marcantes para as suas obras. Cada escritor, tinha um coelhinho em seu ombro que ficava por toda a eternidade repetindo o título do livro e uma piadinha pouco criativa. Assim, o coelho nos ombros de Marcel Prost dizia que "*Em busca do tempo perdido* era uma

perda de tempo". Outro falava para Carson McCullers que "*O coração é um caçador tão solitário* que não tem companhia nem da caça". Aldous Huxley fugia de um coelho saltitante que repetia incessantemente "eu não deveria estar com você, mas com o Shakespeare". O mais estranho deles passava batom em seus lábios. O nosso guia informou que ele se preparava para receber a Marçal Aquino, ainda que ele fosse demorar para chegar. Me falou da dedicação dos funcionários do local. A punição de Stephen King, por exemplo, já estava pronta: ele passará a eternidade assistindo a versão de Stanley Kubrick para *O Iluminado*. Kubrick, por sua vez, é obrigado a ver a versão feita pelo próprio King para a TV.

Não passamos pelo terceiro círculo. Este permanecia secreto, apenas para despertar a curiosidade dos eternos moradores. No quarto círculo, estavam os escritores plagiadores ou que contratavam *ghost writers*. Reconheci muitos deles. A grande maioria foi uma surpresa para mim. Estavam todos diante de espelhos que refletiam não a própria imagem, mas a figura do escritor plagiado ou contratado.

O quinto círculo era o nosso, destinado a escritores insatisfeitos com a sua obra. Por incrível que pareça, estava praticamente vazio. O demônio nos informou que, apesar de todo escritor demonstrar insatisfação com o que escreve, esse tipo se constitui um exemplar raro. Segundo o nosso guia, no andar de baixo estavam os escritores que cometia o pecado da falsa modéstia. Eram obrigados a conviver pela eternidade com críticos literários. Já o sétimo círculo, era reservado aos filósofos. Estes ficavam putos da vida ao ter as suas teorias equiparadas a mera ficção. Nos disse que apenas Nietzsche ficou feliz com essa notícia. Ele, todavia, não era mais residente, mas trabalhador contratado.

O nosso andar era dividido em salas. Ao chegar em sua sala de punição, Kafka encontrou os escritos que ele mesmo queimou em vida. Estavam lá, amontoados e intactos, prontos para serem queimados novamente, mas não existia nada que pudesse gerar alguma chama. Tentou ao menos rasgá-los, mas o esforço foi em vão. "Agora sim, isso parece o inferno". A sua angústia, entretanto, diminuiu ao perceber que na sala ao lado estava Heinrich Von Kleist a padecer do mesmo mal.

70 - O ESCRITOR COMO PERSONAGEM

Quanto a mim, também fui obrigado a conviver com os meus escritos. Todos em uma tela de computador, prontos para serem revisados. O teclado da máquina, como era de se esperar, não funcionava.

O coelho guia nos disse que, se precisássemos de algo ninguém nos atenderia. No mais, estávamos livres para percorrer todas as salas daquele andar. Naquele lugar tudo era permitido, menos alterar a própria obra ou realizar saraus. Pelo visto, mesmo o inferno tem limites no que se trata de punição.



FLORBELA ESPANCA

DO AMOR. DO DESAMOR. E DA ESPERANÇA

LÊDA SELMA

Antônio Frederico, naquela manhã de sol acobruhado, olhou-se no espelho e desgostou do que lhe foi mostrado. Brotos de espinha. Pálpebras esfumadas. Cabeleira desgrenhada. E o esboço de bigode esmaecido, que não prosperava. Sabia que era bonito, porte elegante, porém, algo parecia destoar de sua vaidosa autoavaliação. Não se fez de suplicado. Pegou a navalha e dilapidou parte da basta cabeleira, empurrou as tochas de cabelos para trás da cabeça, formando um monte suspenso. Assim, a beleza facial ficaria mais livre e a boca, mais sensual, adornada pelo caprichado bigode de pontas contorcidas, pintado com acuro. Mais másculo, concluiu. E, embora já desejado pelas colegas, na escola, melhor manter-se sempre mais sedutor.

Além dos adereços físicos, o rapaz apresentava-se, com jeitos e trejeitos, poeta. Aí, sim, as donzelinhas baianas, ali e acolá, alvoroçavam-se. E a disputa pelo belo moço, acirrava-se. Claro, ele não escondia o ego inflado, demais aplaudido e admirado, ao recitar poemas apaixonadíssimos, em tardes acaloradas, no coreto da praça. As moçoilas encantavam-se com sua voz forte, mas sonora, e extasiavam-se com seus olhares de saliências e enxerimentos tantos.

Os poemas, dizia ele, todos de sua lavra. E concluía: a Poesia, amo com a alma e as entranhas. E prometia, às enfeitçadas ouvintes, compor poemas para cada uma. Aí, loucura, pra que te quero?! Alucinação geral e irrestrita.

– Permitem-me participar da conversa? Meu nome é Eugênia

–. Sou poetisa. Mas meu sonho, ser atriz. E cochicha no ouvido da conterrânea Florbela: aquele rapaz, ali, um pedaço de bom caminho, tem cara de poeta e jeito de transgressor! Da cara de poeta, gostei! O jeito de transgressor, arrepiou-me! –. Florbela, apenas, esboçou um sorriso enigmático.

Dia seguinte, Antônio Frederico vê Eugênia em sua assídua caminhada noturna pela orla. Apreço especial pelo mar, ela, diariamente, o abraça com os olhos, enquanto aspira seus humores. Ao ver aproximar-se, o rapaz, de soslaio, acena-lhe um “Boa-noite!”. Provocativo, ousado e cheio de si – e de poesia! – surpreende-a:

Boa noite!... E tu dizes – Boa noite!

Mas não digas assim por entre beijo...

Mas não mo digas descobrindo o peito,

– Mar de amor onde vagam meus desejos.

– Atrevido! Estás louco? Por acaso, dei-te alguma confiança para tamanho arrojo?! Sou uma rapariga de respeito.

– Oxente, e por isso carece de toda essa braveza?!

– É bom que saibas: deixei em minha terra, um amor, Fernando, pessoa de refinado trato. E, logo, juntaremos nossos versos e nossa vida. Afasta-te de mim!

Antônio Frederico não gostou nada daquele fora. Sua vaidade instigava-o: quem ela pensa que é? E quem acha que sou? À primeira vista, sentia-se apaixonado pela donzela, cuja aparência expunha idade bem mais à frente da sua. Isso, porém, não lhe importava: *E o amor sabe lá o que é idade!? Paixão que se preze é à prova de tudo, oxe! Uma boa dose de lirismo, em versos incandescentes, acenderá os sentidos de Eugênia! É assim que a laçarei.*

Dia seguinte, Antônio Frederico, com a vaidade em agonia e o brio todo deslustrado, decide, de vez, conquistar Eugênia. *A Poesia tem poder! O sangue da dor de amor é unguento, cura, entorpece, exala perfume e fará minha amada render-se.* Do pensar ao agir, uma batida de cílios.

Na volta de seu passeio corriqueiro, pés sujos de sal e areia, roupa a exalar maresia, Eugênia surpreende-se ao encontrar, no parapeito da janela, uma caixinha dourada. O laço, na tampa, vermelho. Curiosa

e, ao mesmo tempo, intrigada, lembrou-se da caixa de Pandora, e o medo traspassou-lhe a razão. Mas, de pronto, recobrou a lucidez. E abriu a caixinha. No papel macio e cheiroso:

Um dia em que na terra a sós vagava
 Pela estrada sombria da existência,
 Sem rosas – nos vergéis da adolescência,
 Sem luz d'estrela – pelo céu do amor;
 Senti as asas de um arcanjo errante
 Roçar-me brandamente pela frente,
 Como o cisne, que adeja sobre a fonte,
 Às vezes toca a solitária flor.

Florbela, de longe, assiste a tudo. Impassível.

Duas tardes adiante, Antônio Frederico acha, sobre a fresta de luz, debaixo da porta, um envelope:

Olha para mim, amor, olha para mim;
 Meus olhos andam doidos por te olhar.
 Cega-me com o brilho de teus olhos
 Que cega ando eu há muito por te amar.

Exultante, gaba-se: o coração do amor não se engana. Eugênia rendeu-se. Figuei minha rapariga de respeito – eta moça retada! –, com todo respeito. Mas espere aí: Eugênia não me dava trela... Então, recebe meu poema e me responde dessa maneira amorosa e suplicante?! Maluqueceu a moça, foi?! Sempre me amou? E o tal Fernando, pessoa de refinado trato? Já sei, ele deve ter-lhe dito que o poeta é um fingidor, e ela se desencantou, afinal, como confiar em um fingidor confesso? Por certo, nenhuma carta de amor foi-lhe enviada. Vai que o sujeito até ache cartas de amor, ridículas. É isso. E daí a amar-me, um simples piscanejar!

Sob um céu de lua alcoviteira, os dois encontram-se. Os versos do apaixonado fragilizaram a resistência de Eugênia. Um beijo inadiável espoca e arromba a sisudez da noite. É a senha para uma tumultuada história de amor, de dor e de vida.

Florbela assiste à cena. Chora. E, injuriada: Ó Mulher! Como és fraca e como és forte!/Como sabes fingir quando em teu peito/A tua alma se estorce amargurada!

A manhã não estava para brincadeira. Deixou o sol acocorar-se em seu terreiro e deu de ombros para o calor. Antônio Frederico, todo espigado, prepara-se para sair, mas depara-se com outro envelope semelhante, no vazio entre a porta e o assoalho:

Deixa-me ser a tua amiga, Amor;
A tua amiga só, já que não queres
Que pelo teu amor seja a melhor
A mais triste de todas as mulheres.

Então, não era de Eugênia o poema...

Confuso, conclui: *Então, quem é essa minha apaixonada?*

Também, Eugênia encontra, no vão da porta, certa noite, um envelope. E não gosta do que lê:

Onde estás ó meu amor,
Que te não vejo aparecer?
Para que quero eu os olhos
Se não servem para te ver?

De tua sempre Florbela

– Florbela? Pois, pois, então, estavas o tempo todo rondando meu homem?! Não o terás! – diz, sentindo-se traída. Desorientada, entrega o envelope ao amado.

No pátio da faculdade, Florbela, Eugênia e o poeta encontram-se. E ele desencanta a moça ao pedir-lhe que não o assedie com seus poemas. Declara amor eterno a Eugênia, realça-lhe as qualidades, pede licença à Florbela e afasta-se. Eugênia diz-lhe algum desaforo e vira-lhe as costas.

Passam-se os meses. Antônio Frederico é reprovado na faculdade. Ele e sua amada eterna vivem às turras. Ciúmes. Destemperos. Colisão de vaidades. Solidões e silêncios em tom de gritos. Ameaças constantes de rompimento. Em certa manhã de um outono de riso amarelo, Eugênia abandona Antônio Frederico. Apenas, poucas palavras selam a despedida: Volto para meu passado. Fernando, espera-me. E também, o teatro.

Tempos depois, Antônio Frederico procura Florbela. Recita-lhe um poema. Pede-lhe arrego. Mas ela apenas lhe diz: estou apaixonada.

da. Augusto, um anjo, paraibano pancoso, conheci em um café, aqui, em Salvador. Ainda ardia-me a dor de ter-te perdido. Ele ao ver-me chorar, quis aquietar meu coração. Chegou, como brisa de neblina, e acariciou-me com um ramo de esperança:

A Esperança não murcha, ela não cansa,
Também como ela não sucumbe a Crença,
Vão-se sonhos nas asas da Descrença,
Voltam sonhos nas asas da Esperança.

Choca-me, tu, tão abatido, tão envelhecido e tão doente! Que pena teres ficado com Eugênia! Desgraçadamente, foi um tiro no pé!



**EDGAR ALAN POE, CONAN DOYLE, AL-
LAN KARDEC, HARRY HOUDINI E CIA**

REVISITAÇÃO PRIORITÁRIA

LEONARDO TEIXEIRA

Ninguém em sã consciência pode bradar as congruências eloquentes de relatar o que de fato ocorre após o fim de uma jornada existencial aqui neste planeta (o plano é ser redondo: e não plano). Inclusive discutir o mistério *post mortem* é digno de outro clichê (a dobradinha ledô engano). Os desígnios do exoterismo espiritual ou o mero acaso niilista impregna marcas de uma percepção absolutamente subjetiva, conduzida pelos parques conhecimentos individuais, cada um em sua pequenez.

Houve uma certa clareza quando Melquis ajudou uma professora e pesquisadora na área de letras da faculdade. Melquis é um ser extraordinário. Quase um guru dotado de uma inteligência clarividente. Ele relatou fatos ocorridos que somente a própria professora sabia. Ainda adivinhou os pensamentos momentâneos da professora, provando o improvável: onisciência e leitura de mentes.

Alguns chamam isso de mediunidade, mas Melquis diz não pertencer a nenhum tipo de credo, religião ou seita. Ele provou sua autenticidade, quando respondeu que ela acabou de pensar numa cor verde limão com bolinhas roxas, no número 1487 e que a traição que a professora havia feito com o seu ex-namorado (tendo se envolvido com uma mulher desconhecida que se chamava Almira), foi um fato que nenhuma de suas amigas sabia ter ocorrido.

Ele disse que revelaria o que ocorreu com alguns dos escritores que a professora pesquisava em sua tese de mestrado. Até aquele momento não tinha nem comentado qual era a sua profissão. Alguns

chamavam isso de demônios, ocultismo, anjos, dom divino, paranormalidade etc. O mais intrigante era seu olhar, como se desnudasse a pessoa num piscar de olhos. De fato, uma pele mais fria e talvez o significado de seu nome Melquisedeque fosse mesmo a impossibilidade de registrar sua árvore genealógica. Eis o que foi relatado a ela:

Ninguém soube até hoje que o poeta italiano Dante Alighieri era um turrão inflexível como pessoa e que fez em vida alguns inimigos. Muitos falam sobre o seu exílio e as circunstâncias em que escreveu sua Divina Comédia, inclusive que teria se recusado a se humilhar com pedidos de desculpas numa cerimônia religiosa, e que a pena de morte estendeu-se aos seus filhos. Mas poucos sabem que Banaccione e Ribandelli (integrantes dos guelfos negros) quem realmente o torturou até a morte em 1321. Sua alma espiritual vagou nas camadas de umbrais infernais, até que conseguiu polir a rigidez e tivesse autorização para que nascesse como filho de dois atores de origem irlandesa em Boston no ano de 1809, precisamente na pele do escritor Edgar Allan Poe. Ribandelli veio ao mundo como John Allan, seu filho adotivo, o qual nunca se deu bem em vida. Eram constantes discussões e brigas. Banaccione nasceu como Virginia Clem, a prima de Edgar que tinha 13 anos quando se casaram. O brilhantismo ficcional de Edgar, bem como a atmosfera sinistra que a cultura pop acabou atribuindo a ele, tudo isso ficou bastante conhecido. Mas a informação que não é comentada: John, o filho adotivo de Edgar, foi quem o matou envenenado em 1849 com Aqua Tofana, uma conhecida receita que continha arsênico, chumbo e beladona. Além disso, essa ideia foi confabulada por Virginia!

Muitos teóricos reencarnacionistas discorrem a lógica cármica que também foi esmiuçada por Kardec, Ramatiz e congêneres. Mas a bem da verdade, existe um storytelling repetido e autorizado que nada se relaciona com a evolução espiritual. Aliás, se tudo fosse para melhorar, não haveria justificativa para tanta tragédia, tanta atrocidade, tanta tristeza ainda acontecendo por aqui! Existe sim uma revisitação prioritária onde se repetem as mesmas histórias com pouca variação de enredos. Narrativas pontuais para infinitos personagens. Vida pacata, bravura, amor, ódio, frustração, morte natural, assassinato, suicídio, sucesso,

fracasso, redenção, os 12 passos da jornada do herói e os 12 trabalhos de Hércules. Poucas oscilações com requintes originais. No mais, um *dejà vu* sistêmico, quicá quântico (para usar a palavrinha do momento).

Após 25 anos, em 1874, Edgar Allan Poe renasceu e foi registrado em Budapest como Ehrich Weiss, que ficou conhecido mundialmente conhecido como o mágico e escapista Harry Houdini. John Allan nasceu como Arthur Conan Doyle, o famoso criador do personagem Sherlock Holmes. Virgina nasceu na pele do estudante de Artes Jocelyn Gordon Whitehead, que venerava as histórias do detetive que foram criadas pela escrita de Doyle. Todos sabem que Houdini era muito amigo de Arthur Conan Doyle, e que ele pregava peças nas pessoas que procuravam sinais da comunicação entre mortos e vivos. Inclusive não é mistério que depois ele se arrependeu dessa conduta e desmascarou os falsos médiuns, paranormais postigos, videntes fajutos e demais charlatões. Isso ficou claro no livro *Um mágico entre os espíritos*.

Também não é mistério que Houdini tenha sido o grande opositor ao movimento espiritualista de 1920. Revelou que todos os médiuns dessa época faziam truques de ilusionismo, mas o amigo Conan Doyle já estava convencido de que Houdini tinha uma mediunidade ativa (isto fica claro no livro *O Limite do Desconhecido*). A amizade foi desfeita. Eis o que ninguém sabe: o médico Doyle conhecia os problemas no abdome de Houdini. Por isso, convenceu o estudante Jocelyn a dar fortes socos no abdome de Houdini. Isso foi o que desencadeou a sua morte, uma ideia inusitada e planejada pelos seus opositores de sempre.

Houdini renasceu no Brasil na década de 50. Ainda é vivo e reconhecido como um escritor de boa contribuição cultural. Por questões de ética não é possível divulgar os seus opositores que também causarão sua morte no futuro e sairão ilesos ao crime a ser cometido. Mas uma coisa é certa: existe uma revisitação prioritária, como se lá em cima alguém brincasse com nossos destinos. O acaso dos agnósticos não convence! O Melquis pode provar isso. Mas se você falar com ele, todos os seus sórdidos pensamentos ficarão expostos! Aliás, é melhor fingir que você nunca leu isso aqui!



?

INTIMIDADES LITERÁRIAS

LUIZ DE AQUINO

O homem é mais, muito mais, que um ser semovente, pensante e inquieto. Busca sempre os espaços, muitos espaços, e, com igual frequência, aglomera-se, associa-se, organiza-se, faz o bem e faz o mal. É um ser de dois gêneros – e suas variáveis – que primordialmente vive para a reprodução, ciente de que sua vida tem um começo e uma única determinante – a morte.

Entre o nascer e o desenlace, é-lhe dado todo o direito às escolhas. E o ser humano, em ambos os gêneros, faz tais escolhas todos os dias, a cada instante, motivado por fatos adjacentes ou por suas ideias – ou por ambos, concomitantemente. E, nesse fazimento de novos caminhos, comete feitos lícitos e alguns nem tanto, que ele, esse ser, mulher ou homem, busca preservar sob a pecha de “a minha intimidade”.

Aos escritores, como a outros artistas, é dado o direito à escolha de evidenciar seus “bem-feitos”, sem que se lhe cobrem a vida íntima, que, por óbvio, é do interesse exclusivo dos que compartilham dessa tal intimidade.

Ocorre-me um escritor. Um dos muitos que li com avidez, com quem aprendi muito por lê-lo e, para minha felicidade, de cuja companhia me enriqueci e pude considerar amigo; não porque eu tivesse algo a propiciar-lhes, mas por desfrutar de um aprendizado pessoal, com a liberdade de mostrar-lhes meus escritos e colher opiniões.

Goiânia, naqueles 1960 e tantos, era ainda uma cidade pequena. E seu pequenino universo literário, minúsculo. Era comum espalharem-se os escritores – e seus leitores – pelas calçadas que circundam

o quarteirão do Grande Hotel. As quatro faces dessa quadra – as avenidas Goiás e Ahanguera e as ruas Três e Sete – eram os pontos mais agitados da cidade sob a luz solar. Além do primeiro hotel da nova cidade, tido ante a História como “uma das cinco primeiras arquiteturas”, ali estavam a companhia telefônica, o Banco do Estado, o Hotel Lord e seu afamado salão de barbeiros, o Café Central – ponto de efervescência pela aglutinação de políticos, comerciantes e fazendeiros, além de uma turba de aspecto duvidoso, tido pela boca-miúda como pessoas contratáveis para serviços escusos e condenáveis – pela moral vigente e pelas autoridades constituídas. Havia ali, também, no trecho da Rua Sete – a dos fundos do Grande Hotel – a sede de uma importante livraria, a Cultura Goiana. Chegou a ter três lojas no mesmo quarteirão – as demais estavam na Rua Três e na Avenida Goiás, ao lado do famoso hotel pioneiro. Por isso, a aglomeração de escritores e leitores naquelas calçadas. Essa massa de intelectuais espalhava-se também para os rumos da esquina da Avenida Anhanguera com a Rua Seis e o lado oposto da avenida Goiás, em frente ao famoso hotel já referido – as duas lojas do Bazer Oió, a única livraria fechada pela ditadura de 1964 a 85 em todo o país.

Pronto! O ambiente está demonstrado – ao menos o ambiente urbano em que praticávamos nossa vida social à luz do dia. Então, é hora de falar da personagem. Usava um boné de pala curta, modelo comum na Europa de ingleses, portugueses e italianos; dificilmente era visto em “mangas de camisa” ou sem dois ou três livros sob o braço. De pouca conversa, ligeiramente gago, não recusava prosa. Nesse modo de ser, acolhia também os moços curiosos, ansiosos da atenção de alguém famoso – e esse autor era, sim, já famoso: os jornais contavam de suas correspondências com grandes vultos do Brasil das Letras, da publicação de um conto seu num jornal alemão, do interesse de uma grande editora do Rio de Janeiro interessada em publicar suas obras.

Contista exímio, capaz de narrativa encantadora, desses que nos prendem desde a primeira frase até o suspense ao final, quando a mente continuava a supor os momentos após o ponto. Uns tempos após a estreia, com alguns livros de contos já por demais divulgados,

aqui e além do rio Paranaíba, atreveu-se ele a um romance – e repetiu o sucesso que o marcou na jornada dos contos. Houve uma experiência em versos, mas não foi tão feliz na forma poética: voltou à prosa, tão rica de imagens e construções poéticas que os leitores o perdoaram pela tentativa nas sendas de Bilac, Bandeira e Drummond.

Aos poucos, inteirei-me de sua vida; soube da tentativa de viver na antiga capital federal, entre o mar e o maciço da Tijuca, ou num subúrbio da Zona Norte; importante mesmo seria estar na efervescência dos notáveis das Letras. Não conseguiu viver longe do cerrado, dos rios Corumbá e das Almas, Vermelho e Paranaíba. A escrita, porém, persistiu no seu tempo – afinal, desde sempre era de sua essência, de seu propósito de vida. Fez-se servidor público municipal, depois professor, escreveu para jornais, orientou principiantes, atendeu sempre ao apelo de professores de todos os níveis para falar aos jovens e às crianças.

Gostar dele sempre foi muito fácil. Era gentil com as pessoas, ouvia críticas – uma elogiosas, outras nem tanto – e a elas respondia como quem esclarecesse algo; tinha muito a ensinar, mas preferia conduzir o leitor à descoberta.

Discreto sempre, cuidava de isolar-se para as leituras e as escritas – como fazemos todos os que trabalhamos textos. Nessas ausências e silêncios, nem todo o tempo era consumido no ofício – algo de peraltice (ou de pecado) estava nas preferências do meu herói de causas literárias. O nosso ídolo mantinha, com a possível discrição, um miúdo apartamento num grande edifício ao lado do Mercado Central. Morei ali por cinco anos, e foi por isso que descobri dele algumas peraltices (quase falei “levadices”). Gostava muito, meu velho amigo, de dois tipos de mulheres – as negras e as loiras. Não se interessava pelos tipos indígena, morena ou oriental, mas sim pelas “escandinavas” e as do “navio negreiro”.

– O preconceito de cor foi criado pela mulher branca, quando percebeu que a preta lhe era superior – dizia ele.

Morava eu no mesmo andar da *garçonnière* do velho escriba. Certo dia, sabia eu que ele estava em casa (o tapetinho com a inscrição Bem-vindo estava do lado de fora). Ao sair do elevador, vi uma mulher

jovem e bonita, ligeiramente gorda; batia na porta, insistia, teimava... Entrei em casa; a moça continuava batendo na porta e tocando a campainha; saí de novo e decidi "informar":

– Moça, desculpe-me, devia ter dito antes, ele viajou.

A mulher me olhou com desdém: abaixou a cabeça, empurrou o pequeno capacho com a ponta do pé e desistiu: caminhou para o elevador sem me olhar nem dizer tchau. Mais tarde ele passou por mim, junto à portaria; contei-lhe sobre quem chamava à porta e ele: "Não podia mesmo atender, estava com uma escandinava".

Este foi um caso que presenciei; e, aos poucos, habituou ele a confidenciar-me algumas histórias. Havia as pitorescas e as complicadas, como a de uma "aventura catalã", no dizer dele mesmo. Sempre que se via liberto, por dias ou semanas, das amarras do casamento, enviava dinheiro para a namorada que, no decurso de uma noite, tomava o trem em Catalão para Goiânia. Ele não a esperava na estação, seria arriscado expor-se, mas a moça tinha consigo a chave do *rendez-vous* particular do contista.

Pois bem! Aconteceu, para surpresa do *rái soçaité* local, a separação, que logo virou divórcio, conforme a evolução das leis. A moça do interior alimentou esperanças, mas o amado decidiu-se por outra alternativa. Foi então que ela, incitada por invejosos e estimulada por um jornalista desses que, à falta de notícia, inventa uma polêmica – ou um escândalo – publicou um livro, contando particularidades de suas vindas secretas a Goiânia. E lá, do meio para o final da obra, em texto sofrível, a traída contou das lembranças:

– Você com seu bonezinho típico, as pontas dos cabelos escapando dos beirais do chapéu, totalmente nu passeava pelo apartamento com minha calcinha dependurada no...



CLARICE LISPECTOR

ESSA COISA ESTRANHAMENTE FAMILIAR MAS SEMPRE REMOTA: A PALAVRA

MIGUEL JORGE

Sim, eu a esperava para a entrevista como quem espera uma nova chuva, ou quem está em jejum de amor nas horas santas do anoitecer. E ela veio para a entrevista com uns poucos minutos de atraso. Carregava embrulhos transparentes e dava para perceber o formato de um sapato, uma sapatilha com transparências na cor azul. Deve ter demorado algumas horas nas compras e, certamente trouxe com ela, marcado em sua cabeça, um conto, desses que causa espanto na gente e prossegue sombrio pelos corredores da mente. Olhei-a por uns instantes. Não me pareceu cansada. Queria quebrar o silêncio que se instalara há alguns minutos atrás quando eu ainda a aguardava e falava comigo mesmo em voz alta: será que ela virá? Minhas pequenas dúvidas cresciam à medida em que o tempo passava. Essa era a minha mania, falar sozinho, quando estava apreensivo. Recordava sua figura esbelta. Graciosa. De uma beleza que me fazia lembrar das mulheres, com ar de antigos mistérios, pintadas por um artista amigo chamado Mauro Ribeiro e que desapareceu no tempo. Acreditei que nunca começaríamos aquela entrevista. Mas, Clarice Lispector sorriu e tudo se iluminou naquele momento. Daí soube claramente, que poderia fazer a primeira pergunta.

– Então, minha cara escritora, você escreve como quem exercita sua alma? Como quem tem na palavra um grande mistério? Isso quer dizer que seus personagens vivem com você, em grandes enigmas? Sabe que isso é o que mais me fascina em sua escritura? Justamente esse estranhamento praticamente indevassável? Então, o que mais dizer de você já que recusa viver em sociedade forçando uma longa viagem para os labirintos, os segredos, as coisas?

– É uma pergunta ou uma afirmação?

– Desculpas minha cara. De algum modo, pelo seu olhar atento, penso que ambas estão entrelaçadas, é como quem *faz um milagre todos os dias*.

– Sim, o que resta mesmo para mim é o pulsar do tempo em seu caminhar pelas estreitas veredas da solidão, ai, então, anoto mentalmente o que me passa pela cabeça sem saber onde e quando parar.

– Trouxe algum conto de agora mentalmente esboçado em sua cabeça?

– A vendedora na loja em que fui se perdia nos laços de uma tempestade interior e me mostrava as vitrines como se mostrasse uma compota de doce amargo. De algum modo a coloquei em sonhos exatos, como se entrada em uma noite de verão. É que a vida é para mim um túnel profundo e nebuloso. Sou desejosa do saber das coisas e do mundo e trago comigo a flor do afeto. E, no entanto, e para meu espanto, a vendedora abraçou-me com afeto.

Não havia espelho, já que estávamos em uma praça com jardim, rodeados de árvores e pássaros. Era o melhor lugar para nosso encontro. Mas, sabia que Clarice olhava através de espelhos e sua figura multiplicada nascia e renascia como nos sonhos, enquanto nós dois mantínhamos posição de imobilidade e nos mirávamos com carinho. De repente olhei para o chão e me parecia ver a figura de seu marido que lançava olhares interrogativos para mim. O cabelo negro, espesso, a pele branca. E ele tocava o chão com as mãos. Talvez desenhasse alguma coisa, enquanto as palavras vinham e partiam de nossas bocas.

– E seu marido? Você está casada, não está?

– Meu marido é Diplomata. Por isso não fincamos raízes e

vivemos por ai, em diversos lugares e países diferentes. Sou mulher a quem não é permitido ter um sítio para rasgar as mãos com a terra ou as plantas. Sou condenada a ter mãos de seda e cobri-las de creme nas quatro estações.

– Você ama o seu marido?

– Por que deseja saber?

– Curiosidade de leitor admirador, que mais poderia ser?

– Quer saber? Sou feita de muitas coisas e nenhuma. Sou um misto de "*camponesa e estrela do céu*". Uma noite acordei de madrugada, olhei para meu marido e não sabia quem era ele. Perguntei se me amava? Antes de ele responder eu disse: não, ame a você mesmo, é o quanto basta.

– Como você vive?

– Não sei viver, só sei lembrar-me. E ela olhou-me com coragem e humildade. Talvez por isso, sinto tanta pena e tantas dores pela impureza de meus personagens, por exemplo, a dona Cândida, uma velhinha de 81 anos que tem a vertigem de viver os impulsos do prazer. Quem não se apaixonaria por ela?

Então, olho para aquela mulher de olhos oblíquos, rosto angular, misteriosa, bonita, de uma beleza estranha, os olhos a espreitar tudo a sua volta e que faz da língua portuguesa a sua vida interior. Escrever para ela é viver. É como se usasse ecos, sussurros de vozes para criar seu momento. Sabe-se que sua infância foi feliz. E que a menina escondia a dor de ver a mãe adoentada, e sofria por isso.

Você agora é Clarice, uma menina de nove anos e brinca e corre alocada pelas ruas de Recife. Sem que você atentasse por isso, sobe e desce depressa as escadas de sua casa e já de volta à rua passa a perguntar aos moleques descalços.

– Quer brincar comigo?

Os moleques a olham como se ela usasse música rouquenha na voz. E se admiravam de seu atrevimento. Por vezes a desprezavam por ser menina. A face estreita deles, os pés descalços. Nos lábios finos e escuros, o mesmo desejo, por vezes desencontrados, de rir e correr e se esconder daquela menina que lhes parecia pequena e

adocicada. Com o passar do tempo todos eles foram usados como seus personagens.

– Por que você escreve?

– Eu nasci para escrever. A palavra é meu domínio sobre o mundo. Preparei-me desde os sete anos de idade para que um dia eu tivesse a língua em meu poder. Mas, a cada livro meu é uma estreia penosa e feliz. Essa capacidade de me renovar toda á medida em que o tempo passa é o que eu chamo de viver e escrever, é uma grande aventura e exige muita coragem. Vivo no quase, no menor e no sempre.

– E o desastre causado pelo cigarro?

Ela afastou o olhar do dele. Mas, depois sentiu que não tinha como fugir aquela pergunta. Então, estreitou as mãos no peito, como a escondê-las. Não sei explicar o que aconteceu, ela diz com tristeza na voz. Sei tão somente que se existe o inferno eu o vivi ali, naqueles instantes de labaredas e desespero. Foi um quase. Um por pouco.

– E suas máscaras?

– Sim, claro, as máscaras! Uso-as, várias delas ao redor do dia. Mas a verdadeira, reservo somente para poucos amigos como se desenhasse, com devoção e humildade, rostos de gente antiga que viviam como quem mente.

– Você se considera um monstro sagrado?

– Odeio esse termo porque sinto que ele me afasta de outras pessoas, e às vezes tenho medo até de minha própria sombra. Por isso sou sozinha como as luzes, os infindos esplendores e as palavras mudas onde á voz *difusa se separa*.

– Mas, e seus amores? Fala-se muito de seu bem querer pelo Lúcio Cardoso.

Clarice não sabia de estava do lado certo daquela entrevista. Parecia ter passado para o outro lado onde as pessoas comentavam sobre sua vida privada.

– Dizem isso é? O que as pessoas não sabem, ou fingem não saber é que o Lúcio Cardoso é reflexo meu. O mesmo tom, às vezes sombrio, de voz. O mesmo desejo de se esconder dentro de si mesmo. Talvez por isso ele tenha preferido ficar em sua casa assassinada, com

seus personagens tristonhos dando a impressão de descidos aos infernos e voltados de lá sustentando suas penas. Já não sentia vergonha por amar tão fortemente um escritor que vivia em sua caverna interior. Pouco a pouco sentiu a pergunta lhe apertar algo preso em seu coração. Não tinha como se libertar daquele sentimento. De repente corou e o sangue parecia queimar seu rosto.

– Esse amor parece voar ao longe, muito longe e será muito difícil aprisioná-lo.

– Existe também um contista mineiro apaixonado por você, não existe?

Clarice pareceu pensar e encher-se de tristeza. Seus dedos, segurando o cigarro, tremiam um pouco. E quando se sentiu perdida, usou da palavra como de um delírio, nada que ocultasse o fulgor da luz de seus olhos ligeiramente esverdeados.

– Ouvir o contista mineiro falar de amor era penoso para mim. Eu estava no Limbo e ninguém poderia me alcançar no lugar de onde estava, mesmo que ele forçasse um fogo que já não existia em mim. Não que tenha desprezado o amor. Talvez o tempo pouco em que me recusava a sair da sombra me deixava às margens do fulgor matinal. Talvez porque não estava preparada para um beijo ardente. Talvez porque não suportava ouvir nossas vozes dormidas. Comer juntos o pão da manhã, sem saber o que o amanhã nos reservava, enquanto lá fora havia um alvoraçado sopro de discórdia.

-Quem sabe o contista mineiro tenha lhe devotado um amor que a deixasse embaraçada. Que cuidados tomou com a paixão desse escritor, que gritava aos quatro ventos que queria se casar com você?

– Eu necessitava criar outro tipo de paixão não essa paixão declaradamente avassaladora que mais parecia uma batalha em campo de guerra, que somente teria paz aos pés do altar. Acho que a fragilidade do amor faz dele um terrível monumento que a qualquer instante pode se desmoronar. Talvez por isso eu me mostrasse como um ser infeliz, sozinho no mundo e que causasse pena aos desavisados. No entanto, sou mulher de intenções claras e de atitudes atadas às minhas condições femininas.

– Você se considera bruxa?

– Não. Mas adoro sexta-feira, 13, agosto. E tenho prazer em lidar com essas figuras que vivem na trama da escuridão. Gostaria de inquiri-las para saber de seus poderes, seus mistérios. De saber compreender um pouco mais essas criaturas que vivem no entardecer de outro mundo. Vê-las florescer com suas poções mágicas, mistérios e invenções. De ocultar seus prazeres, seus olhos de força e paixão. Às vezes também elas nos surpreendem com inesperados afetos. Cheguei a participar como espectadora de um Congresso Mundial de Bruxas, em Bogotá, na Colômbia, apenas por um dia. Foi uma experiência de alta valia, mas, isso não quer dizer que sou bruxa.

– Você acha que viveu outras vidas?

– Sim, acho. E em cada vida escrevi um livro diferente. Talvez por isso mesmo a viagem interior me fascina tanto. Há pessoas que têm vergonha de viver: são os tímidos, entre os quais me incluo. Sempre fui uma tímida muito ousada que ardia seus pés no chão de pedras nuas do Recife.

E por falar em paixão e alegria por que você me aparecia em sonhos? Sabe que isso me perturbava? Será por que eu trocava cartas com sua irmã Elisa?

– Não sei qual a razão para lhe dizer nesta hora. Eu permanecia imóvel, a ver como eu e minhas irmãs crescíamos e nos tornávamos sonhadoras. Admirava de você ser ainda um jovem adolescente a se corresponder com minha irmã mais velha, que também era escritora, já adulta e prestes a se casar. Suas cartas eram sempre cheias de afeto que atçavam nossas lembranças.

– Você ria de mim, das minhas cartas?

– Não. Eu percebia que você era contido e que algumas nuvens pairavam nas entrelinhas de suas missivas. Talvez por receio de ir longe demais. Por que vocês deixaram de se corresponder?

– Não sei. Talvez porque eu me continha demais e achasse que Elisa tinha lá suas outras artes, oficinas, trato humano com as pessoas que eu jamais poderia sonhar em conhecer. No entanto, lia os seus livros e admirava a grande escritora que se resguardava dentro de você

e que um dia explodiria feito um grande sol a iluminar todo o universo.

— E eu, no fundo, queria que escrevesse algo sobre mim, sobre minha obra. Você leu todos os meus livros não leu?

Sim, agora eu poderia dizer que havia lido todas as publicações de Clarice Lispector. O nome da autora me inspirava respeito e seriedade. Li, sim, com o prazer e a emoção de um estranhamento. E, sempre a achava, ousada demais. Criativa demais. Sombria demais. Lidando mais com os meandros escuros da alma do que com a realidade vigente. Talvez seja essa, na verdade, a sua identificação com o Lúcio Cardoso.

— Gostou ou não gostou dos meus livros?

O que iria responder a ela? Que Perto do Coração Selvagem foi um susto? O Lustre um sopro forte no espírito? Maçã no Escuro, um corte mais profundo no amargor dos personagens? Acho que nesse romance Clarice *conquistou profundamente sua liberdade de sensações e pensamentos*.

— Quer saber mais? Sou sozinha, eu e minha liberdade.

— Eu sei. E seus personagens?

Disse aquilo, assim, numa rapidez de espanto. E me sentia triunfal como se ela tivesse colocado uma coroa de ouro sobre minha cabeça. Ai eu continuei com o meu desejo de falar sobre seus romances: em Paixão Segundo G.H. a escritora mergulha na *quase dor de uma intensa alegria*. Nesse romance para mim, o mais intenso, a escritora é assombrada pelos seus fantasmas. Pelo que é místico. Fantástico. Gigantesco. Então, o personagem Martim, ao examinar uma barata saída do seu guarda-roupa, vê que ela, nesse momento, se transforma, torna-se enorme. Cegamente ele obedece ao impulso de esmagar a barata na porta do guarda roupa, e comer a massa branca, informe do inseto. Em silêncio Martim fica a pensar no que fez naquele momento ao matar e comer a barata. Ele se olha e se vê como se fosse um servo a serviço de seu dono.

— Viu como eu vivo perdida no tempo e no espaço? Instrui-me ao desejo de penetrar sempre as estâncias mais sombrias do ser humano, com o sabor da tristeza.

– Mas, o grande Antônio Cândido aponta Perto do Coração Selvagem como obra de exceção. O que acha disso?

– Sou muito pequena para achar qualquer coisa de minha obra. Mas fiquei feliz com que o Antônio Cândido disse.

– Como você reage quando denominam sua literatura de feminina?

– Não reajo. Não discuto. A trama dos meus romances talvez seja feminina em sua estrutura totalmente mutilada, para citar Álvaro Lins.

– É sabido que você escreve com a máquina de escrever no colo. Aquele tec. Tec. Tec. da máquina não a incomoda?

– Pelo contrário. Dá ritmo ao meu trabalho e intensidade a minha imaginação.

– O que você aproveita mais em sua literatura: o sonho ou a realidade?

– Acho o sonho mais completo que a realidade, esta me afoga na inconsciência.

Então se deu que Clarice mal se lembrava do convite feito ao escritor mineiro para jantar em sua casa. Como se fosse uma câmera cinematográfica, registro imagens do escritor mineiro sentado lá no fundo da sala, acompanhado de três amigos também escritores. Bebem uísque. Conversam. Estão curiosos para conhecer mais de perto a escritora de textos que mexem com o interior das pessoas. Então, ela desce as escadas da casa, nervosa e sensual. O rosto belo, de uma beleza estranha, enigmática. O que será que se escondia por detrás daquele semblante cheio de ângulos e interrogações? Ela achava que possuía o dom de afastar pessoas. Eles achavam que poderiam conquistá-la com o afogamento de suas palavras. Na verdade, os quatro homens estavam dispostos a cortejá-la.

– Escrever é viver, o que você acha?

Clarice não sabia ao certo. Escrever era tudo, e pronto. Para isso ela pesquisava a linguagem e a ruptura da linearidade.

Quatro homens. Quatro escritores a desbravarem-se intensamente a si mesmos. Quem é essa mulher? Seus movimentos dão a

impressão de autos reflexivos, de maneira estranha. Fuma nervosamente um cigarro atrás do outro. E só parece se apaziguar quando o assunto é Lúcio Cardoso.

– E o jantar?

– Jantar? Não tem jantar nenhum. Já despachei a cozinheira. Estou cansada. Vou dormir. Boa noite.

Os quatro rapazes, constrangidos, despediram-se e foram em busca de um restaurante mais próximo dali. Clarice voltou, então, para si mesma. Diante do espelho refletia: *“tudo o que faço é um esforço, minha apatia é tão grande, passo meses sem sequer olhar meu trabalho, leio mal, faço tudo na ponta dos dedos, sem me misturar a nada”*. A verdade é que ela perseguia uma realidade que lhe escapava. Mesmo Lúcio, o seu pão de cada dia, era essa realidade que lhe escapava pelas mãos. Clarice, igual ao seu personagem Martin de a Maçã no Escuro, procura as palavras mais não ás encontrava, por isso seu mundo é particular e único. Então, a olho por mais de uma vez. Sei que ela me encanta como se tivesse sido cingido por uma corda atada ao seu corpo. Sei que tanto a escritora como seus livros são iguais a um circuito fechado que termina para recomeçar. Despeço-me dela. Não sei se de sua pessoa ou de sua sombra. Seu duplo. E eu caminhava. Para onde? A minha indiferença foi vencida pela claridade de suas palavras, de seu jeito manso de ser sorvida por sua mente. Ela é a Clarice Lispector que tantos admiram. A autora que desce aos extremos de seu inferno particular para de lá resgatar seus acertos. Sua sementeira. E eu sou tomado de grande emoção por ter alçado o mais alto que pude as regiões mais intensas de sua literatura, como um alquimista que dá brilho aos metais. Fico por muito tempo com essas recordações, de maneira natural, bela e arrebatadora. Olho o céu azul e pretendo ver nele anjos a tocar harpas e a cantar, sem o sofrimento de abismos, de misérias e desconsolo. Agora desejava mais era voltar aos livros de Clarice, com mais afeto, com a jovem sabedoria de quem ama a vida e descobre novos espaços. Como um tudo. Um ir longe demais, na busca dos interiores de sua criação. Sem o receio de ultrapassar os limites da escritora que mais parecia uma fada a conduzir suas histó-

rias como quem pinta uma tela com o engenho e a arte das cores de eternos esplendores.

Despedi-me de Clarice tentando achar um jeito de lhe dizer adeus. A essência de nossa conversa por um espaço pequeno de tempo, guardada comigo. Trazia, secretamente, um quê de devoção por aquela mulher tornada em luz e que incitava as almas a de seus personagens a se unirem a nós de modo tão estreito igual aos amores que se descobrem na adolescência.

Na cela não se usa a fala da fala.
Usa-se melhor o conceito dos olhos.
A pressa das mãos. As vantagens
Que se oferecem em neblinas,
Em sua insuportável indiferença.



CORA CORALINA

PELAS JANELAS DO RIO

RAFAEL FLEURY

Na noite anterior pedira a bênção ao seu avozinho... Dormiu. Sonhou. Acordou. Assim mesmo: na obviedade serena das sucedências normais.

Quando despertou, já era bem cedo, qual de costume. E também de manhã, de novo: "A bença, avozinho!". Fez a primeira oração do dia. Ergueu-se na cama. Já se abraçou à sua muleta — sempre encostada do lado. Levantou-se. Calçou os chinelos. Vestiu um vestidinho azul com poá branco. Abriu a janela detrás da sua cama. E viu a cena que a inspirava a cada manhã... E viu, sempre em deleite, aquela amostra de cenário que era a inspiração da sua pena e as pedras da sua inspiração. E inspirou. Num trago profundo de ar, como agarrasse pelas narinas e pelos pulmões toda a sorte de ar que pudesse bastante para viver todo um dia. E pegou o alento para um dia. Alento que, na verdade, poderia lhe soprar toda uma vida. Sim, o alento de um instante. O hálito de uma vista. De um trago de ar, de pedras, de mãe: cidade. O hálito de uma vida. Um inspirar. Uma inspiração.

Quando despertou, já era cedinho. Ouvia sempre aquele murmurar do rio. Que lhe era um embalo mavioso e fascinante de tudo... Era como uma coisa de poesia plena, que servisse a qualquer poema, a um poema todo, de verve e cerne e carne e pulsar de coração... Era todo um rio de uma perfeita poesia, tão palpável e tão indecifrável, que, na infinidade de sentidos, nem sabia para onde corriam aquelas águas... Quando ela era alegre, o rio cantava. Quando ela era festa, o

rio vertia. Quando era dor, eram só pedras as águas. Quando era flor, virava um jardim seu rio. Quando era lágrimas, o rio não cabia em seus olhos. Quando era dúvida, o rio parava. Quando era pensamento, ele respeitava. Quando era só, ele abraçava.

Assim que a oração não acabava nunca antes de se levantar. Que a primeira parte apenas recitava mentalmente. Mas seguia sua oração no refletir de tudo o que lhe rolava pelas águas sob sua janela...

As outras duas janelas, que davam do seu quarto para o quintal, quase jamais ela as abria de manhã, pelo óbvio motivo de não as ter fechado à noite. Quase nunca as fechava, que amava dormir com a brisa gostosa soprada do quintal... Eram quase dois buracos na parede: sempre abertos, escancarados, mesmo no pequenino modesto de seus tamanhos simples. Eram um canal para o vento e para as emoções do tempo... Canal pelo que o quintal ficava-lhe a soprar histórias e estórias desde sua bisavó e desde suas raízes atemporais, radicadas, aliás, além: em todas as vidas. Eram duas janelinhas tão pequenas para o imenso a que se abriam. Janelinhas metáfora da vida, que pela madeira de suas feitas e pelos adobes circundantes, nos que se encaixavam na parede de vigor virente entanto torta — singela compostura —, nunca nem não se poderia pensar em todo o tudo que ao anímico exprimiam... Janelas intensas... Umbigos do quintal... Umbigos da vida... Janelas imensas, enormes... Janelas de sentir... Janelas da vida... Essas janelas sentiam tanto que Ana a elas se irmanava, a elas se entranhava, num enredar intestino do que não se via, num sentir profundo, das energias do quintal da vida tudo sentindo como uma seiva vívida que sugasse dos fluidos umbilicais do quintal para sangrar sereno à pena, em sua mesinha de escrever paixões e sabores de terra e amores e aromas de currais e gentes e coisas de becos e de Goiás...

Desceu do quartinho. Foi ao xixi, e, contínuo, direto à cozinha. Quero café! E foi fazer. Não no fogão de lenha, que pra café não carecia o trabalho que dava. Mas no fogãozinho de quatro bocas mesmo. Daqueles fogões de roça, que são esmaltados, que nem os pratos e xícaras da roça, que são coisinhas dum airoso simples de lembrar o

paraíso. E têm esses fogões um forno bem nostálgico embaixo, que quem mais usava eram os antigos.

O coador de pano encaixado no bule — também esmaltado —: casal fiel, inseparável, fértil, que sempre espera a água negra fervilhante. Eram os preparativos para a oração do café, a celebração do café, a liturgia do café. O rito sagrado das manhãs da Vila Boa e de todo um Brasil. No silêncio quase prevalente dos dias de Ana, a luz divina chegava pelas janelinhas da cozinha e tomava desta o ventre todo. E ela despejava com vagar solene a água fervente no coador, num encaixe perfeito e dinâmico e vivo ao encaixe primeiro — aquele dito —: ouro negro líquido encaixando-se em movimento ao coador das manhãs de sol resplendente... E Deus a tudo observando, que o preparar de um café é muito apreciado pelo Pai: dá-lhe terna alegria ver Seus filhos alvorecendo com o amor de viver, para seguir em viço renovado a luta desta vida, fazendo um cafezinho, tão simples como sublime... Em movimento de cascatinha de regato do mato, na cópula da água negra com o coador, ela fecundava o bule para parir o café que tomava, a cada manhã sagrada de vida... E enquanto rolava essa cascatinha, naqueles instantes eternos de absoluto foco de fecundação do bule — a tudo assistindo o Criador — subia aos páramos a fumaça divina e cheirosa que emana o café ao se o cozer... Subia aos céus a fumaça do café — sagrada oferta da alquimia do grão: plantado, crescido, frutificado, colhido, torrado, moído e liquefeito — qual incenso para a glória de Deus, por Suas maravilhas. Que todo bule é um turíbulo. Que todo pó de café é incenso. E sua fumaça sacra — a cada manhã — é sinal emocionado de gratidão ao Pai por mais um arrebol do dia dado à luz, chegado em braços de raios do nascente. Mais um milagre que cada manhã encerra, ou que cada manhã liberta.

Daí então, era só Ana fecundar a xícara: café pronto, cheiroso, gostoso. Tomava o primeiro gole de pé, inda rente ao fogão. Depois ia sentar à mesa sobre o piso de mezaneta para tomar o resto da primeira colocada e, em seguida, mais uma xícara.

O pão Seu Vicente já comprara mais cedo, por ato gracioso, que gostava de fazer. Ele e Grampinho já haviam comido, que cada

qual tinha sua rotina e seu jeito. Grampinho, aliás, já saíra para suas caminhadas sobre as pedras da Vila, com sua trouxa na cabeça, onde ficava a vagar demoradamente, sem hora para voltar, sem ninguém a quem dar contas, que era Maria, das muitas que rolam pelo mundo... Que era passarinho, de asas remendadas com trapos e retalhos e botões, remendos da senda da vida, asas libertas de esvoaçar libérrimo...

Depois, qualquer hora, passariam os dois na cozinha para tomar café, quando quisessem, Grampinho, aliás, quando voltasse – se voltasse. Então à mesa, Ana comia seu pão com manteiga, às vezes, tinha também biscoito, broa, um bolo de arroz ou de milho – do milho orante, que ela e o milho se amavam.

Café tomado, ia tomar ar fresco do seu quintal das maravilhas. Levantava-se da mesa, passava defronte à cristaleira com o azul-pombinho e outras loiças priskas, pouco mais adiante, defronte também aos quadros de Padim Ciço e de seu pai finado: gestos de lembrança dos seus laços nordestinos. Descia a escada arcaica, vetusta, de laje bronca, e ao seu lado sinistro estava a biquinha, que balbuciava, consuetamente, suas lhanas canções de antanho. Suas águas tímidas, pudicas, humildes e viçosas, pariam-se no seio da serra, e vinham rasgando, serenamente, o chão da Vila, e vinham fecundando esse solo, numa força seminal, que, chegando à madeira lavrada da biquinha, era já colostro que se dava a quem queria – e a quem queira –: água fresca, água-leite, materna, parida e entregue à humanidade, que, mãos-concha, recebe-a: mãos postas, joelhos genuflexos, reverenciosos – outra oração que inspira a casa velha da ponte. Que era um santuário aos milagres prosaicos dos dias e da natureza e da poesia da terra. E também um barco enalhado no Rio Vermelho, sim, Ana dizia. E barco navegante no vasto dos mares da vida...

Ana andava distraída pelo quintal, plácida, a saborear a manhã, a sentir o sol na pele, o frescor verdejante das sombras das suas árvores e plantas, quando um sopro forte e encorpado de vento das árvores senhoras fê-la mirar fixa para ao depois da colcha de folhas das mangueiras... Olhar distante... Mirada profunda... Mirando, deveras, para si, bem dentro, viajava a tempos idos, antigos, de sua puerícia

e do palmilhar da própria vida... Viajava a Anas idas, que fora, na metamorfose que a todo humano se impõe... Viagem tão funda fazia no fugaz daquele momento...

Aninha, pequena, petiz, pernas moles, caindo à toa no chão do quintal, moleirona, pandorga, chorava boba... Contemplava, velha, sua criança. A menina que fora, há tanto... E a jovem e as mulheres e as idades que fora na mulher toda que era... Tentava compreendê-las e compreendê-la una, senti-la, vê-la a força que já tinha, sob o véu tão frágil e desvalido...

Como daquela criança fraca nasceu uma torrente de vida? De qual nada nasceu sua poesia? Donde sua força vivaz? Donde lhe brotou a substância milagrosa de viço e de fulgor? Como conseguira tanto caminhar nas veredas estreitas dos dias, das décadas? Como lograra lutar tanto justo até aquele passeio no quintal? E as intempéries temperadas tantas que lhe trespassaram e ela atravessara, forte? Quem era você, Aninha? Aninha, quem é você?

– Dona Cora! Dona Cora! – Alguém, de lá da porta da Rua Dom Cândido, a gritava. Queria comprar doces. E queria ganhar poesia.

Firmada na sua muleta, Ana veio andando do quintal, subiu os degraus ao lado da biquinha, atravessou todo o corredor, cruzou a porta do meio, chegou à porta da rua: – Tudo bem, meu filho? Quer doce?

O menino ficou corado.



CARMO BERNARDES

O POUSO DE CARMO BERNARDES

ROSY CARDOSO

Quanto mais se avança na vida mais se depara com realidades que contradizem e conjugam formas, e estas se encontram e dissonam experiências de coisas, lugares ou sentimentos vividos. Abster-se de uma delas é também repudiar a outra, pois não se pode exigir mais do que possa dar. Feliz seria quem abdica de tudo, ou quem, porque abdicou de tudo, nada mais lhe pode ser tirado ou diminuído.

No descanso do ensolarado dia, quando as primeiras rajadas no céu anunciavam o horizonte tinto da noite, a mancheia do sertanejo que acostumou a retina a ver mais fundo e os ouvidos a secular com calma foi asfixiado pelo poder da atração. Valentia de um lobo no encaço de uma onça. Vultos e gemidos denunciavam sinais trazidos pelo cheiro do vento que assaltava a pele denunciando a felina nativa. Essa iria estrear a mira e a argúcia implacável do sertanejo que amava a terra feminina. Da pele morena queimada a canela cintilava uma prenda a desejada nativa indiazinha aragarcense. Cria das matas que emolduram um povoado batizado em 1872 de nome "Deixado", união de dois rios: Araguaia e Garças, daí Aragarças. Um lugar de encontro, inclusive o especial encontro consigo mesmo e quem sabe até com uma onça, ou uma indiazinha. As especiarias da região, banhadas em águas azuis, eram ouro e índios. Um paraíso encantado dos territórios originários, com cachoeiras incrustadas de verde estendendo madeixas em véus espumados e deslizando, tesouro dos antigos indígenas que lá habita-

vam e se fluoretavam nas maravilhosas isotermas águas azuis. Tudo afundava no tempo e no instinto.

Bernardes no fervor do dia matizado em sua preguiça roceira arriou os cavalos enquanto o sol tricotava chamas avermelhadas com o calor. Convidou sua companheira para uma cervejinha no boteco, na virada de um corredor aramado em cercas e banhadas a pó vermelho. Uma estaca escrita "Sítio sonho meu", ladeava a cinquenta metros uma palhoça, Venda do Zé do Bico, provocante na beira da estrada, convidando para cachacear, esmiuçar ideias e contar vantagens. No seu quintal um assovio de águas no frescor de cachoeiras ambientadas na memória da índia Ivany que significava "Da terra dos caçadores".

Enquanto seguiam no trotar fofado pela terra de pó cantante, surge um cachorro do vizinho e embaraça na pata do cavalo que, arrepiado espalhou a índia ao pó vermelho. A mulher ofegava em gritos de dor, esmurrando a terra, como se chamasse sua tribo e seus ancestrais para seu funeral. Gritava na intensidade do canto e das danças dos rituais de despedida.

Sentindo meio viva, meio morta, disse ao Carmo que precisava contar-lhe três segredos: Carmo Bernardes, que há muito lhe rendia acatamento e obediência — no agridoce convívio, caçado e domado pela astúcia da selvagem, agarrou-se em seu pescoço, sacudindo, sacudindo, num balanceio intenso. — Conta...conta! Os dois outros segredos, mesmo que se referissem aos filhos ou a ele, não o interessavam. A chave do cofre ou em qual banco guardava o dinheiro, esse sim, queria saber. Há muito a indígena dominava tudo, os negócios, a fazenda, o erário. Ivany abriu um olho, capitaneou o sertanejo Carmo e, aos lamentos que subiam às alturas, meio lúgubre e confusa, respira fundo, levanta-se do chão, titubeia, sacode a poeira e urra: — Carmo, vamos numa cachaça?

Um silêncio de igreja no meio do mato amansa o sábio sertanejo Bernardes e lá vai ele a contar a histórias que romperam fronteiras enquanto em uma dessas, dialogando com o canto das águas, pescava no rio Araguaia. Apropriava-se da esperteza de Rosa em Sertão Veredas, encarnando o homem parido pela terra, nas paragens das entranhas

de Mato Grosso e Goiás. Em meio às árvores de cascas estriadas e enraizadas nas ribanceiras da mata virgem, estreava seu anzol em noite de minguate. Ressurgia a olhos nus e titubeantes, tal a embriaguez que José de Alencar ao coroar em flores sua virgem Iracema dos lábios de mel, uma nua sombra de fêmea.

Mas desta vez a desdita beleza e pureza travestia-se na selvagem que rosnava como onça. A tímida lua naquele dia soprou-lhe uma índia.

Bernardes transfigurou-se no caçador da espécie, de pele nem um pouco pálida, que se debatia no alento de colonizado ou melhor dizendo: rendia sinais de encanto para conquistar a indiazinha.

Quase não falava. Ouvia, resmungava e agia.

A natureza armou barreiras de resistência. O pouso foi arrumado e a boa espera silenciada sem tempo de mais delongas. Para o caçador, a expectativa do tempo nos soturnos e desabitados arvoredos é uma relutante lentidão.

A solidão notívaga do caçador surtia resultado e lentamente laçava a selvagem pelos mocotós com linhas resistentes e de seda, para que o toque lhe caísse suavemente diante de tal braveza. A nativa enfurecida em meio a penumbra das folhas e galhos secos rosnava no fiasco de seus pungentes olhos de gata.

Cabelos em crina brava e à revelia, contracenava com os pelos do corpo deixando encoberto qualquer pedacinho de pele que não estivesse tomado pelo ocre do barro na nudez despercebida.

Era uma vislumbrante pérola negra. Uma escultura desenhada ao cinzel da natureza e em faíscas pupiladas aos olhos miúdos fitava os cachos matizados do domador.

A comedora de raízes rosnava e, para surpresa do desbravador raivoso,

“sertanejo caçador”, seus dentes alcalinos diferiam e iluminavam a escuridão de seu corpo e, brilhavam nos ebanizados e contorcidos urros.

A vegetação recobre em tramas de raízes a superfície da terra e estar atento a cada movimento da prenda seria ir assimilando qual o próximo passo, pois os certos olhos vilipendiavam ao redor sem

esquecer que a astúcia da primitiva tinha o improvisado de uma gladiadora entre o golpe, a defesa e o encantamento.

Não havia espaço para especular outro caminho. Ouvia o ofegante bafejo em odores nervosos de medonha estranheza.

Os gritos foram se adocicando na quietude dos olhos da menina-onça, embriagada em uma morna essência de arrepio. O aninhamento da silhueta acalentava no estalido de gravetos quebrado no soturno e ermo escuro.

Os recantos sem estrelas em musgos sombreados cobriam de cipós nativos a selvagem. Capturada e amarrada pelo sertanejo nas horas mortas da noite em um tronco de pau-brasil, agora dormia.

Despertara mansa, sem o rancor e a teimosia da cabocla.

Foi tangida pela premissa em acolher uma nova identidade, um novo cantado, ou melhor um novo urrado.

O dia recebia os primeiros clarões da manhã revestidos na presa falida, despida e adocicada. Esse tempo de conquista foi menor que o do criador ao ofertar-nos esse mundo de tantas belezas.

Há o tempo! O inflexível tempo cuida de amansar e desatar as amarras. E a indiazinha curva-se lentamente no calibre do caboclo domador. A conquista foi de amor. Cessavam-se as unhas e os dentes. Em inúmeras vezes, ao desatar o cinto para surrar, os corpos quentes se entremeavam nas sombras encipoando e acariciando sob os cúmplices galhos banhados pela boca rosada e carnuda da fêmea-terra. A nativa cedia em ser amada e na rendada companhia de seu par aprendia o riso fácil e gungunava apenas, no deleite os urros de mulher selvagem, enquanto abaixava as vistas para uma nova revoada de sonhos, lenços e regozijos.

Tornou se a etérea musa do sertanejo Carmo. Alva, maternal, de olhar astucioso. – Com ele aprendi a falar o que penso e a correr atrás do que desejo.

“Seu Carmo contava histórias do passado comunicando com o presente e com os olhos postos no futuro”. E assim Ivany aprendia a malícia de viver.

A nativa-onça e índia, retirante de uma gleba para outra, agora

ditava com pintas ágeis e sensuais o marco gravado nas terras de Xavantes e Bororós. Tornou-se malungo-parceira na tradição em adestrar, da ancestralidade as irmandades, avizinhando em todos seu novo trato em ousadia, e no emaranhado dos cabelos selvagens, porém adestrados, mil pontas de soluções.

Ivany vive e permeia no selvagem novo cativo, em touceiras de sentimentos que escondem e domam sua liberdade no domesticado ambiente de teias, de leis e compromissos.

As recordações do cheiro da terra destilam um perfume de saudade, e nos ladrilhados espaços da abrigada vida pactua laços aguerridos com a onça, na tinta carregada da pele, entre pérolas e luz selvagem.

Seu sono tem o balanço das canoas e o feitiço do verde das encostas, o cheiro dos rios e as centelhas dos territórios conhecidos e desconhecidos, no alto dos escuros do novo cotidiano que seria a partir de então sua nova realidade.



FRANZ KAFKA

UM RETORNO

SIMONE ATHAYDE

De tempos em tempos (não se pode mensurar quanto pelas humanas medidas), era permitido a alguma alma desencarnada visitar a Terra. Assim, foi com um misto de alegria e curiosidade nervosa que Franz Kafka recebeu a notícia de que iria rever Praga, sua terra natal, mesmo que para ele não fosse a primeira viagem. As visitas tinham algo de terapêutico, serviam para o espírito rever seus entes queridos ou se acalmar em relação ao desenrolar dos fatos após sua partida. Kafka nem pôde acreditar, quando veio naquela primeira vez, que havia se tornado um escritor tão aclamado, um tipo de personalidade cult que influenciava tanta gente. Logo ele, que sempre se considerou um fracasso, que, julgado pelo pai, a quem considerava "a medida de todas as coisas", se achava tão insignificante! Bendito Max Brod, seu (des)leal amigo que, num gesto de generosidade (ou num ato de fé em relação à sua obra) não atirou seus escritos ao fogo como ele tinha pedido! E, com um sentimento de vingança, impróprio à evolução de seu espírito, naquele retorno imaginou o que o pai sentiria se soubesse que seu filho inútil agora era um sucesso mundial.

Depois de uma breve reunião com espíritos mais evoluídos, seus mentores, ele se viu em Praga, num dia ensolarado e quente de julho, na famosa ponte Carlos, entre centenas de turistas de todas as nacionalidades. Era estranho que, mesmo morto, podia sentir uma carícia na pele quando uma brisa leve o alcançava, e seu olfato conseguia tragar o perfume da comida de rua. A visão do rio Moldava, das casas imutáveis e das torres do castelo cinza e altíssimo, que antes o aturdiavam, agora lhe traziam uma sensação reconfortante, a memória de algo familiar, mas no sentido bondoso do termo. Era impressionante a quantidade de pessoas que ele via! Não estava preparado para tanta

mudança, para tanto movimento! Curioso, Kafka foi procurar um jornal para saber em que ano estavam, mas não encontrou nenhum. Parece que haviam sido substituídos por um aparelho portátil que, nem em suas histórias bizarras (segundo ouvira de um crítico certa vez) poderia ter imaginado. O aparelho era onipresente, estava na mão de todas as pessoas! Por ele podiam tirar fotos coloridas que apareciam na tela na mesma hora, podiam conversar com outras pessoas à distância, conseguiam ver notícias e até ler os livros de sua autoria! Pelo aparelho ficou sabendo que estava no ano de 2018. Meu Deus, tão longe assim no futuro?!

Ficou pensando para que serviam aqueles mentores se não o preparavam para tão grande surpresa. Tudo o que faziam era dizer por quanto tempo ficaria e enumerar o que ele seria capaz de fazer e o que não seria. Os aprendizados da viagem, quem iria encontrar e porque, isso fazia parte do próprio aprendizado do espírito, era algo muito pessoal que não podia sofrer influência dos mentores.

Dessa forma, Kafka achou melhor procurar seus locais de moradia terrena, especialmente o quartinho que alugou por curto período e que lhe serviu de refúgio para a escrita. Mesmo com tantas mudanças e modernidades incorporadas à rotina de Praga, ela ainda era aquela cidade medieval que ele bem conhecia. Era fácil vagar pelas ruas centenárias, labirínticas, sem perder-se. Quando chegou ao prédio, acanhado e feio, viu que havia se transformado num local de visitação. Tudo se preservava quase do modo como era antes, mas agora havia uma lojinha no térreo onde se vendiam produtos com sua foto (aquela horrível que ele odiava) e sua assinatura (aquele rabisco!).

Oh, vida injusta!, pensou. Por que essas honrarias tiveram que esperar minha morte? De certa forma, aliviavam seu sofrimento, lhe davam a sensação de que, afinal, seu calvário na Terra não foi totalmente em vão. Até mesmo conseguira compreender que se não tivesse tido o pai que teve jamais teria produzido a obra que produziu. Por isso os mentores diziam que os retornos não eram aleatórios, eles tinham uma razão, eram importantes para a cura dos espíritos. Como consequência de sua segunda visita, por exemplo, ele pôde reencontrar o

pai e ambos se compreenderam: as diferenças foram dissipadas, tudo foi esquecido e perdoado. Enfim a conciliação, impedida na Terra pelo véu do medo de um lado e da dominação do outro, revelou dois seres quebrados de formas diferentes.

Agora o que chamava a atenção de Kafka era uma mulher de uns quarenta anos que, enternecida, olhava as canetas, os bloquinhos, as inutilidades que eram vendidas na lojinha. Resolveu acompanhá-la. Subiu atrás dela os degraus estreitos e percebeu, pelo acelerar do coração da mulher, a emoção que ela sentia em estar ali, observando o diminuto quarto em que ele, quase um século antes, havia passado seus dias escrevendo. A mulher, enxugando uma lágrima, está sinceramente emocionada, não consegue acreditar que está ali no mesmo espaço onde um dia esteve seu escritor preferido.

Por essas mágicas do além, logo Kafka começa a ler os pensamentos dela. A caneta que ela comprou e que agora segura como uma joia, ela usará quando for lançar seu livro. Sim, a mulher é escritora no Brasil, desconhecida e desconsiderada como um dia ele foi, mesmo assim resignada porque não vê outro modo de viver senão lidando com as palavras. O espírito sente logo uma conexão com a mulher, uma simpatia, porque percebe que ela não sente inveja como outros que conheceu nas outras visitas. A mulher sabe que o talento dela, mediano, nunca a levará a essas alturas que ele, Kafka, alcançou tardiamente. Mesmo assim, ela se sente devidamente satisfeita por um dia ele ter existido.

O espírito segue a mulher quando ela decide ir ao museu Kafka, uma novidade para ele também. Em pensamento, os dois dividem a mesma expectativa: como um museu poderia recriar o universo kafkiano? Poderia esse local simular o ar de pesadelo, surreal, de sua obra? Por fora, um prédio comum, bastante simpático. Por dentro, um labirinto escuro de paredes negras onde o visitante era guiado por luzes, fotos e vídeos que contavam a história de sua vida, mostravam seus escritos e suas cartas pessoais agora escancaradas. Ao final do passeio, os dois escritores estavam um tanto decepcionados. Mas logo depois ele ouviu a brasileira pensar que o fato de não terem conseguido copiar a

atmosfera da obra de Kafka era mais uma prova de seu estilo único e de sua genialidade. Kafka sabia que a vaidade não era algo adequado a um espírito, mas ele se sentiu muito orgulhoso com a fala da colega.

Depois, foi acompanhando os outros passeios da mulher. A viu tomar sorvete, experimentar o trdelník (o delicioso pão doce enrolado), esperar a hora cheia para ver o desfile dos personagens do Orloj, o relógio astronômico de Praga, e até entrou com ela e a família no Teatro da Ópera para assistirem a um quarteto de cordas.

Kafka e a mulher fecharam os olhos no mesmo instante, sentindo o poder da música que, a despeito de sua suavidade, arrebatava os sentidos. Quando o espetáculo acabou, o escritor foi avisado em pensamento de que estava chegando a hora de voltar ao além. Kafka foi seguindo a mulher enquanto ela se dirigia ao hotel. Ela parecia alegre, comentando sobre a linda apresentação, mas havia algo melancólico nela, uma tristeza que ele reconheceu: uma falta que não podia ser compreendida por nenhuma daquelas almas.

Na hora de entrar no hotel, ela ficou para trás e, segurando o corrimão da escada, quis olhar a cidade numa despedida. Ela também iria embora no dia seguinte. Kafka já não conseguia ler os pensamentos dela, não sabia mais se ela ainda pensava nele ou se ela tentava apenas reter as experiências da viagem. Mesmo assim, ele sentiu que precisava fazer uma última coisa, ele tocou, com sua mão sem matéria, a mão da mulher. Ela teve um estremecimento, um pequeno e inexplicável susto. Ele também. Ela olhou para a mão, sentindo nela um peso bom.

Kafka não saberia dizer que lições tiraria daquela viagem, mas naquele breve instante em que sentiu a mão da mulher na sua, soube que a falta estava preenchida. Para os dois.

**ALBERT CAMUS**

EXILADOS

SOLEMAR OLIVEIRA

Camus equilibra o cigarro na boca. O lábio superior franzino. Com o outro, uma pinça. Nada se pode afirmar sobre a cor de seus olhos. Parece ser clara. As pálpebras são meio inchadas e a testa, espontaneamente, franzida. Um contrassenso possível. Cada íris está, rigorosamente, no centro. Não é estrábico. Possui uma mancha laranja entre os dedos e a calva começa se impor. Pode se orgulhar de ter chegado aos seus 46 anos com alguma coisa de Humphrey Bogart. Cada vida é uma galáxia, pensa. Deixou que o outro avançasse. Meursault. É uma galáxia, para não dizer mais. Fumou. Fumou até que a marca alaranjada se tornasse um pouco marrom. São outros tempos, menos complicados. Não existem propagandas advertindo sobre os males causados pelo cigarro, no verso da caixa. Ele fuma mais um, e outro. Parece prever que não fumará mais.

O carro encosta pelo lado esquerdo da rua. Facel Veja, seminovo. Não há placas de proibido estacionar. Ele atira a guimba com elegância. Sua marca registrada. Olha ao redor, como quem olha as filas de viajantes numa estação de trem. E se arremessa adiante, sem convicção. São flores à sua volta? Um efeito da luz parca e da ansiedade. O capim sem qualidades, sem escrúpulos, amortecendo a necessidade de beleza e espelhando as cores que chegam lentamente. Está só. Ou deseja estar só. É a tarde? Meio-dia. Horror por não ter certeza da hora. E o carro destacando-se à espera. Nele está Gallimard, seu amigo. Há outros. Não importa para o momento.

Gallimard sempre se refere à Camus como um homem cordial. Ainda é jovem. Seu brilho de Bogart está no auge. O sobretudo, pele de camelo, correto, dá a ele um ar circunspecto, se é que precisa. Não

é diferente com outras roupas, ou em outros horários. Um homem cordial. Tem 46 anos. Não era necessário dizer. É jovem.

Lá vem ele, diz Gallimard. Albert, meu caro! Depois se cala por uns instantes, até que reclama. Um resmungo. Camus desculpa-se pelo imperfeito do subjuntivo, e confessa sua fraqueza pelo belo linguajar em geral. Antes, sorri. Mas não convence. Do lado de fora, o homem que prefere não nominar. Vai ficar? Ele diz. Uma aura. Absurdo. A voz rouca e, propositalmente, distante, assemelha dizer, com os lábios pouco vibrantes: decididamente, o senhor me interessa.

Os olhos que olham, serenos, miram duas linhas que se estendem até o infinito, passando por anteparos e ar. Nada obstrui o futuro que deseja ver. A luz não entorta. Não é estrábico, como foi dito. Enxerga reto, sempre enxergou. Mas há um novelo, um inseto oscilante, uma concha muito desengonçada se formando na nuvem, no paralelo, nas extremidades do mundo. Sísifo também. Seus olhos não são azuis e enxergam. Até o que é proibido. A massa negra, a coisa antecipada. Não é Meursault. Uma rocha? Não é a porta. A porta da desgraça, onde se prolongam quase meia dúzia de batidas secas, destrutivas. Não é a tuberculose. Nunca foi. O mar. Está em tudo. Camus percebe. Jovem. Uma árvore.

Camus senta e o banco do carro se afunda. A cabeça não consegue encontrar o encosto. Pensa que estaria melhor com Char. A conversa. Literatura. Política. Estética e o encanto das palavras. São palavras que saem da boca de Gallimard e dos outros. Camus espera, ouve o que pode e cala-se mais do que fala. Mas fala, também. Observa a região entre os dedos do cigarro. Laranja. Ainda. Essa mancha vai durar para sempre, pensa. No painel, o relógio analógico destaca cada minuto, com uma campainha imaginária. Só Camus escuta, enquanto faz o exercício mental de separar outros sons. Um assobio leve, distante, e os agradáveis ruídos do mar. Sua intimidade. Ele veio. Acomodou-se no mínimo espaço ocioso, no banco de trás. Mais intimidade. O mar.

A estrada se estica no mesmo sentido do movimento. O destino nunca chega. Como, em geral, não se chega nunca aos destinos. Nenhum. O homem cordial é, sem nenhum acréscimo significativo, o

homem revoltado. Pois não há vida sem revolta. Não há galáxias em um universo apático. Só estradas intermináveis, com árvores gordas destacando-se à margem. Sempre à margem. A não ser por uma, única, frondosa, inusitada. Nasceu no centro da via e alongou-se para o céu até tornar-se tão imensa quanto a própria estrada que a sustenta. Que a modela e emoldura. Dois infinitos: árvore e estrada. Não há carro capaz de separar essa engenhosidade do absurdo. Revolta. Fim.

Um ruído, longo. Nenhuma voz, nem fraca, nem forte, quebra a branda e inocente tranquilidade do espaço. Nada se infiltra, para ruir, por dentro, a bonança melancólica da paisagem. Fechados, não é possível ver os olhos negros de Camus. Muito vivos. Monocromático. Desde os múltiplos tons de cinza. A vida se infiltrando nas esferas. A reinvenção helicoidal. Nas entrelinhas, Sísifo. Um soco surdo na rocha de Sísifo. Simples. E pronto! Abre-se a porta. Completamente. A bruta porta. Rígida. Perfeita.

Migraram juntos para um ermo, dois pássaros. Foram seguidos, também, mas sem sucesso. Os fiéis. Cansaram-se, muito cedo, que fique claro. Sozinhos. Um era Camus, pensativo. Voltava ao seu reduto primeiro. O outro, Meursault, o estrangeiro.



RAINER MARIA RILKE

MONÓLOGO EM DOIS TEMPOS

SÔNIA ELIZABETH

(Ao som de Bach e uma vela acesa)

Bocejo. Começa a noite, inglória em tudo. Oh, Boston, magia! Em ti despertei para o mundo, milagrosamente consciente de que seria triste, romanticamente gótico, abraçando tudo que fosse a veste da morte e sua pantagruélica poesia! Sou eu quem dança a mesmíssima valsa todos os dias. Pratico escárnio, zombaria. A tez desses moços brilhantes que passam, a sentença da vida feito a deformidade de um rosto que só eu via. Chamem Baudelaire, Charles! Posso traduzí-lo aos pedaços, queimando a ferro e fogo a inocência crua da arte. Quem bate? Silencioso vento que sentencia, alguma voz das cavernas! Quem bate?

É tarde. Chamaram-me para um colóquio na madrugada. Acaso sou vulgar, William Yeats? Tu quem o dizes! Indago, apenas. Tuberculose por toda parte, a mão de minha amada da minha se evade. Receberão meu espírito quando eu me for, covardes? Recuo. Invocarão, debaterão. Nada será verdade. Á minha maneira sou físico, cosmólogo, criptógrafo. Tudo isso e a sedução do riso que nem sei no rosto. Oh, Boston, deste berço ao poeta e saudaste a honra que mereceste! A glória deste mito feito de tantas metades. Quem bate? Voam as laudas onde marco grafias, páginas onde exerço meu combate, letra a letra! É dura batalha com os enigmas, o papel estreito, a mão trêmula. Diabos, quem bate? Quem quer a loucura em meus contrastes? Estou a provar o chá escuro e molho com ele a minha face.

Alguém lá fora? Annabel? Alguma irmã de caridade? Se for

Annabel a vida arde e já nem será assim tão tarde. Um hino. Sim, um hino. Flauta de Pã, que ressoa clássica. Um hino e esse frio, a mágica redenção da crueldade. Annabel que chega, penso, ainda criança, as mãos carregando chocolate. É o vento, sempre, invejoso vento. Sabia que eu e Annabel nos encontrávamos e ele então insinuava tudo, menos paixão. Alguém que geme? Quem geme? As folhas de alguma planta, talvez. Talvez um cão perdido no nevoeiro intenso.

É tarde sim. Não venha ninguém dizer que deliro, anátema de não ter crido, de não ter beijado as santas mãos do clero. Fui em tudo espírita. Os desencarnes, as múltiplas vidas, reencarnando-me em vidas ambíguas. O corvo comigo. Que debate imenso! Um poema inteiro para exaltá-lo, combatê-lo, diviniza-lo! Um poema que me custou as vísceras do fosfato. Ele alí ficou, eternizou, teimou, infernal. Ele foi maior, negro, astuto. Rendeu-me fama. O sonho de muitos: declama-lo (o poema) inteiro. O corvo em mim, nefasto, horrendo, companheiro. O corvo sou eu. Boa noite. Sou Poe.

Encastelei-me. Aqui vivem fantasmas, armaduras. Essas escadas contam histórias. Aranhas construíram teias. Assumo-me assim: místico. Romântico sem ser puro. Neo. Dialogar com anjos, meu destino. Tentar explicar o que seja poesia aos que teimam no ofício. Hoje é dia de encontrar esses amigos de asas brancas, assexuados, que voam e povoam todas as circunferências do castelo. Olho, servil e amante, para a natureza, como um sábio. Assim sou o homem divino, a Deus assemelhado pela doutrina de amar, estupefacto.

Clara Westhoff, nem te amei tanto! Subordinado aos deuses da poesia, miro estrelas, mais que teus olhos. A existência é meu êxtase. Impressiono-me. O ser interior de mim liga-se ao Pai numa comunhão medonha. Rodin é quem me irmana. As formas criadas nas mãos tamanhas: sufixo dessa imensidão Alemanha. Elegias de paz na íliada Itália. Um poeta precisa de siso, imensidão, audácia. Precisa de sedação. Falo dos bichos (como alvo o homem), a pantera que nos justifica. Nenhuma menção ao cotidiano faço. Quero aquilo de ligação vertical, o sobre humano, ou algo assim como soberano.

Viajar com anjos, o estilo que faço. Sou de elegias. Um poeta

pode ser ave sem ser pássaro, abotoar a camisa de peito nu, no regalo e regaço. Eu quem me sei. Praga, Munique, Berlim, círculos do mesmo compasso. Por longos anos amei Lou Andreas. O poeta precisa de cismas, avatares. Bebo água, ao invés de cicuta. Se o castelo faltasse, escreveria mesmo na choupana simples do bosque. Debalde. Ser eu só já justifica, mas fico melhor e mais puro se um anjo me visita. E transcendentalizo, se um anjo me invade.

Um livro para eleger anjos, saudá-los, dizer que são terríveis. Para enaltecer mulheres, a figueira, esses detalhes da vida que são imensuráveis. Poesia para falar do que parece inconcebível, diáfano. Poesia para não deixar que o universo seja o óbvio e as sequelas da premeditada morte, eternizem. Poesia para justificar o estar aqui, para provar que o homem é mais que a caricatura que o veste.

Anjos somos nós, ainda que decaídos. A asa flechada. O voo interrompido. Posso ser o anjo. Bom dia. Sou Rilke.



CARSON MCCULLERS

A PIANISTA DO CAFÉ TRISTE

TALISSA TEIXEIRA COELHO

Conheci Carson em uma apresentação, ela sentou na primeira fileira e não tirava os olhos de nenhum detalhe, parecia estar maravilhada com o que via, se sentia tão familiarizada e dava boas risadas, tínhamos a mesma idade e era como se conseguíssemos nos conectar, aquela garota tímida da plateia era o espectador que eu sempre esperei e não sabia que esperava.

Não entrei para o show dos horrores por vontade própria, mas aos cinco anos de idade, minha mãe não poderia mais criar uma criança como eu e eu fui vendida, no entanto, permaneço por vontade própria, ela começou a ir em todas as apresentações durante o verão, até que decidi que a chamaria para o meu camarim, estava ansiosa para quem sabe fazer amizade para além do circo, um artista reconhece o outro quando o encontra e percebi que aquela garota era também especial, mas ela era especial como observadora, todos se perguntam como pode existir algo como eu, mas ela simplesmente não questionou.

Descobrimos muitas coisas em comum, a paixão pela música, pela literatura e por conhecer a história de outras pessoas, continuamos nossa amizade através de cartas, eu acompanhei por anos sua carreira e sempre recebia seus escritos de primeira mão, a incentivava a continuar mesmo quando ela temia as críticas e quando ela tinha medo de expor em seus textos aquilo que as pessoas temiam sentir ou admitir em voz alta, meu sonho era dirigir o show, eu tinha tantas ideias, mas a criatura nunca dirige o próprio show, ao menos era o que eu acreditava, e me propunha a ser a primeira a conseguir, consegui aos poucos me tornar a atração principal e melhorar cada vez mais

minha narrativa, acrescentando fatos e acrobacias, ela era a minha inspiração e eu a inspirava em suas histórias.

Mesmo com tantos sonhos e tanta coisa a se fazer às vezes a vida se torna pesada e frustrante, há tanto a se pensar e sonhar, certas vezes queremos fugir não porque estamos tristes, mas porque já realizamos demais, quando ela ficou internada após uma tentativa de suicídio, senti o peso dos olhares e constrangimentos, foi a partir desse momento que ela pode realmente entender como eu me sentia, quando era vista para além dos shows, nas apresentações eu representava e não me importava muito o espanto ou a admiração que eu causava, desde que alguma emoção eu conseguisse despertar nas pessoas, fora dali eu só queria poder observar as outras pessoas e não ser olhada o tempo todo, e era essa inveja que eu sentia dela, a de poder sair, me camuflar e ver como os outros são, por momentos eu não queria ser o foco de nada.

Ela perdeu seu papel de observadora e passou a ser vista e o pior, por apenas um aspecto que não era o todo do que ela sentia ou era, sua saúde nunca foi boa e com o passar dos anos, as dificuldades cresciam, sabíamos que estávamos destinadas a acabar mal, eu por minha anomalia e ela por suas anomalias, apesar de tudo, eu consegui montar a minha própria trupe e assumir meus shows, e ela continuou observando e escrevendo.

Nesse momento de ascensão eu estava pronta para o meu maior e melhor show, preparei toda a apresentação e se chamaria "A pianista do café triste", mesmo com o lado direito do corpo paralisado ela tocou piano como nunca, e naquele momento, senti realmente que nada faltava, ela tornava o show dos horrores mais que especial, era como se sempre tivesse nascido assim, a sua incapacidade física a fazia brilhante e os aplausos eram sua realização, no final trocamos de papel eu sou agora a escritora e ela a atriz.



MACHADO DE ASSIS

MIRAGEM

VALÉRIA VICTORINO VALLE

“Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”.

Machado ajusta o pequeno óculos embaçado e passa a mão nos crespos cabelos. Os olhos e lábios carnudos de mulato, agora estão apertados para ver melhor o espelho, grávido de imagens da consciência das sombras e órfão da grandeza de ser humano. Seu semblante, irônico e ácido, permanece fechado e a pena nas mãos trêmulas, rabisca várias sendas para encontrar a fissura especular fantasmagórica e compensatória dos dias da nossa existência.

Olhando de fora para dentro, ele abandona a escrita e segura nos dedos duas partes de uma laranja. Entre resmungos e cochilos tenta colar as partes, mas não dá para unir o fragmentado, o deflagrado, o esvaído, o expurgado. Aproxima a imagem da laranja bifurcada do espelho a fim de ver o reflexo e/ou refração da sua impotência. O espelho devolve o mesmo delírio de sempre: uma sensação inexplicável do Vazio e do Nada.

Contudo, cada letra pode ser vista e lida de dentro para fora também, replica o astuto Casmurro. Dispersa-se das questões de *alta transcendência e dos árduos problemas do universo* e mergulha nas projeções da hipocrisia e da artificialidade de si mesmo. Como Bruxo do Cosme Velho, ele atravessa o espelho, agora colado com fotografia avulsas, todas refletindo um microcosmo insuportável de Prometeu.

Nesse devir vislumbra-se o pequeno Joaquinzinho soterrado em sua solidão e no abandono social. Num outro quadro, vê o Joaquim Maria, mulato, epilético e gago a enfrentar a dissimulação cotidiana do não-Ser, implodida e interdita, pela superfície dantesca da esfera

social. Em outra perspectiva, Assis enxerga o Machado desintegrado, eliminado, consumado em si-mesmo. Ele precisa, mais do que nunca livrar-se desse enfermigo, conquistar um outro painel, individual, exclusivo, sem ruídos para resistir à crise, porém a imagem devolvida é uma refusão brumada e difusa.

O cáustico Machado, em um momento periférico e informe, deseja que aquele reflexo revessado pudesse brilhar na inconsistência e na irrealdade. Em um microcapítulo, sem digressão, desprovido de sua imagem construída no humor negro, imagina-se em um Memorial de papéis avulsos, com várias páginas recolhidas das cartomantes, marcadas pelo vagar roubado do relógio de Quincas Borba, sendo abraçado por Uns Braços de Helena, Conceição e até Capitu, sempre adormecido e amanhecido na doce poesia romântica, sempre liberto das dores e dos espinhos sociais. Seus olhos só desejam ver o estrábico, sem fluxo de consciência, numa estreita e aguda síndrome de meio-homem.

Essa fase onírica é interrompida por um estalo no espelho. Parece que a magia cigana das cartas, o cronos punidor do relógio, os olhos de ressaca arrastaram para fora o homem aninhado no legado de miséria e na cegueira identitária. Não adianta se esconder na linguagem cassada, nem sufocar as vozes embargadas. Caro leitor, traga a pena e denuncie nossos direitos tolhidos e nossa emancipação castrada nos espelhos impostos a nós.

Todavia, não deu tempo... O eco do tic tac tic tac incessante se instaura. O leitor foi cindido dessa relação especular, desmembrado do universo de Machado e agora tudo poderia acontecer, inclusive ser engolido pelo espelho. Curiosamente, uma resposta emerge do enigma: O Zezinho existente em cada um de nós está morto, eis a compaixão. Mas o Assis, ajeitou os óculos, alisou os cabelos, umedeceu os lábios e singrou o espelho metafísico da aparência e da essência. Ele ressurgue luminoso na turva profundidade de nós mesmos: Ao Vencedor, as Batatas! Ave, Assis! Ele desceu as escadas, e nós também.

Projeto desenvolvido pela
CONTATO COMUNICAÇÃO,
composto em estação Macintosh,
fonte Jaager Daily News, corpo 11 sobre 15,
em Goiânia,
no mês de novembro de 2021
com impressão da
CONTATO COMUNICAÇÃO